

Relatório sobre o
Desenvolvimento Mundial de 2007

*O Desenvolvimento
e a Próxima Geração*

Visão Geral

Banco Mundial
Washington, DC

©2006 Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento / Banco Mundial

1818 H Street, N.W.
Washington D.C. 20433
Telefone: 202-473-1000
Internet: www.worldbank.org
E-mail: feedback@worldbank.org

Todos os direitos reservados.

1 2 3 4 09 08 07 06

Este documento resume o *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 2007*. É um produto do pessoal do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento / Banco Mundial. As apurações, interpretações e conclusões expressas neste relatório não refletem necessariamente a opinião dos Diretores Executivos do Banco Mundial nem dos governos dos países que representam.

O Banco Mundial não garante a exatidão dos dados apresentados neste trabalho. As fronteiras, cores, denominações e outras informações apresentadas em qualquer mapa deste trabalho não indicam nenhum julgamento do Banco Mundial sobre a situação legal de qualquer território, nem o endosso ou a aceitação de tais fronteiras.

Direitos e permissões

O material desta publicação é protegido por direitos autorais. Sua reprodução e/ou transmissão, total ou parcial, sem permissão pode constituir violação das leis em vigor. O Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento / Banco Mundial estimula a divulgação de seu trabalho e geralmente concede pronta permissão para sua reprodução parcial.

Para obter permissão para fazer fotocópias ou reimprimir parte deste trabalho, favor enviar uma solicitação com informações completas para: Copyright Clearance Center Inc., 222 Rosewood Drive, Danvers, MA 01923, USA; telefone: 978-750-8400; fax: 978-750-4470; Internet: www.copyright.com.

Todas as outras consultas sobre direitos e licenças, inclusive direitos subsidiários, devem ser endereçadas para: Office of the Publisher, The World Bank, 1818 H Street, NW, Washington, DC 20433, USA; fax: 202-522-2422; e-mail: pubrights@worldbank.org.

Design da capa de Chris Lester da Rock Creek Creative, Inc.

Imagens da capa de Paul Olaja. Paul é um artista de 19 anos que estuda na Universidade de Kyambogo em Kampala, Uganda. Em seus quadros, Paul representa as diversas facetas da juventude: jovens atuando como uma maneira de compartilhar sua rica cultura, trabalhando duro para sobreviver e crescendo até chegar às suas funções de adultos. Ele apresenta o papel central das mulheres, a enorme diversidade existente no mundo e como os jovens se empenham para fazer parte dele. Em suas próprias palavras, “os jovens precisam fazer alguma coisa para que o mundo possa continuar”.

Quando era adolescente, Paul perdeu seus pais de HIV/AIDS. A arte é a paixão de Paul e a sua meta é usar essa arte para compartilhar as histórias da sua terra natal e ajudar os jovens necessitados da África.

ISBN-10: 0-8213-6804-4
ISBN-13: 978-0-8213-6804-6

Conteúdo do Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 2007

Visão Geral

PARTE I

Por que agora e de que modo?

1 Os jovens, a redução da pobreza e o crescimento

Enfoque: Demografias diferentes

2 Oportunidades, capacidades, segundas oportunidades: estrutura da política

Enfoque: Um filtro de gênero nas lentes da juventude

PARTE II

Transições

3 Aprendizado para o trabalho e para a vida

Enfoque: Juventude vietnamita: gerenciamento da prosperidade

4 Começando a trabalhar

Enfoque: As explosões de nascimentos geram colapsos de empregos? Não nos países da OCDE

5 Crescendo com saúde

Enfoque: Abordando as disparidades entre os jovens no Brasil

6 Formação de famílias

7 Exercício da cidadania

Enfoque: Reconstrução das vidas e das instituições — Serra Leoa

PARTE III**As transições****8 Movimentação e comunicação entre fronteiras**

Enfoque: O que os doadores podem fazer

9 Política para os jovens: Fazer e da maneira certa

Enfoque: Dependê de você, jovem --- agir em prol do desenvolvimento

Bibliografia**Notas de fim****Referências****Indicadores selecionados****Prefácio**

Prefácio Preliminar

Nunca houve uma época melhor para investir nos jovens que vivem nos países em desenvolvimento – essa é a mensagem do *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial* deste ano, o vigésimo nono da série. A coorte dos jovens de 12 a 24 anos de idade (1,3 bilhão, a maior da história) é a mais saudável e com melhor nível de educação – uma base sólida sobre a qual construir, em um mundo que exige mais do que qualificações básicas.

Eles constituirão a próxima geração de trabalhadores, empresários, pais, cidadãos ativos e, na verdade, líderes. E, devido à queda de fertilidade, terão um menor número de dependentes do que seus antecessores quando chegarem à idade adulta. Por sua vez, isso pode impulsionar o crescimento – com o aumento da parcela da população que está trabalhando e melhorando a economia familiar. Os países em todos os níveis de desenvolvimento precisam aproveitar essa oportunidade antes que o envelhecimento das sociedades feche essa porta. Isso permitirá que cresçam mais rápido e reduzam a pobreza ainda mais.

Este Relatório analisa as prioridades de ação do governo nas cinco transições que formam o desenvolvimento do capital humano dos jovens: estudar, trabalhar, manter a saúde, formar família e exercer a cidadania. Dentro de cada uma dessas transições, os governos precisam não apenas aumentar diretamente os investimentos, mas também melhorar o clima para que os jovens e suas famílias possam investir em si mesmos. Isso pode ser obtido por meio de três orientações amplas da política: *ampliação das oportunidades, aumento das capacidades e fornecimento de programas de segunda oportunidade*.

O investimento nos jovens contribui fortemente para os pilares centrais da estratégia de desenvolvimento do Banco Mundial, ou seja, a melhoria do clima de investimento e o empoderamento das pessoas de baixa renda. Ao mesmo tempo, investir nos jovens é um desafio para os governos de todos os países, tanto ricos como pobres. Espero que este Relatório contribua para o enfrentamento desse desafio por meio da discussão de exemplos entre vários ambientes diferentes onde os jovens, com o apoio de boas políticas e instituições, foram capazes não somente de enfrentar, mas também de prosperar, contribuindo assim para o futuro de todas as gerações.



Paul D. Wolfowitz
Presidente
Banco Mundial



Visão Geral

Seu desempenho foi fascinante. Geórgia, 15 anos, uma criança pobre de rua que não freqüentava a escola e aspirava a ser atriz, acabava de quase levar às lágrimas os membros de uma missão de assistência para o desenvolvimento que visitava um abrigo de meninas no Brasil. Ela representava o papel de uma menina que sofria abusos em uma peça simbólica, na qual sonhava vencer as dificuldades de sua vida: a falta de atenção da família, a dificuldade de continuar a estudar, a pressão para cheirar cola, as indesejáveis abordagens dos homens, o trabalho de meio expediente como empregada doméstica. Talvez não encontrasse dificuldade em desempenhar esse papel porque ele reproduzia tão bem sua própria vida, mas também tinha muito talento.

Depois da peça, ao falar com os visitantes estrangeiros, a atriz precoce voltou a ser a adolescente tímida, envergonhada e desajeitada que ainda era. Estava grata pela oportunidade de desenvolver sua arte em um local seguro, ao mesmo tempo em que melhorava sua leitura, escrita e conhecimentos sobre os aspectos práticos da vida. Estava ansiosa a respeito de seu futuro, especialmente como motivar-se para as aulas enfadonhas da escola pública às quais assiste de vez em quando. Porém, pela primeira vez em sua jovem vida, ela tinha esperança.

Do outro lado do oceano, em Freetown, Serra Leoa, Simeon, hoje com 23 anos, pensava no que fazer em seguida. Nos últimos 15 anos, sua vida havia sido atormentada pela longa guerra civil. Ele e sua família, que viviam em Koidu, um dos pontos mais turbulentos do conflito, tiveram de fugir dos ataques várias vezes. Uma vez foram capturados e forçados a servir às forças rebeldes durante dois anos. Seus relatos davam apenas uma vaga idéia do resultado desse longo convívio com a violência. Ele sentia que já havia morrido três vezes: quando seu pai foi morto por não ter fornecido comida suficiente a um soldado, quando sua mãe foi estuprada e mais tarde faleceu e quando sua irmã foi forçada a voltar a Koidu como profissional do sexo.

Mesmo assim, ele queria recomeçar sua vida. Trabalhando como voluntário para uma organização sem fins lucrativos que presta serviços aos jovens e os recupera por meio de aconselhamento e educação, sentia-se bem em participar de um grupo e de voltar a aprender, inclusive a usar o computador. Desejava também trazer sua irmã para Freetown, longe da vida pavorosa que levava em Koidu. Se ele ao menos tivesse um salário...

Do outro lado do mundo, Van, 21 anos, aluna do terceiro ano de uma das mais bem conceituadas instituições de terceiro grau de Hanói, estava na casa de uma amiga ensaiando canções de Celine Dion com sua banda. Estudante aplicada, ela havia passado em um rigoroso exame vestibular com o total apoio de seus pais, ambos profissionais liberais. Ganhava um dinheiro extra traduzindo notícias do inglês para o vietnamita no computador de sua casa, experiência que desejava que a ajudasse a ingressar no jornalismo. Seu entusiasmo em jogar com o computador e navegar na Internet proporcionou-lhe uma autoconfiança especial em tecnologia. Ajudou-a também a estar em contato quase permanente com seus amigos, graças à telefonia via Internet e à troca instantânea de mensagens.

Sua preocupação mais imediata era que seus pais não a deixariam percorrer com seu namorado as ruas de Hanói na agitada noite de sábado na motocicleta que ele adquirira recentemente. Sabia que eles estavam certos em temer por sua segurança, pois tinha conhecimento de que vários amigos haviam sofrido graves acidentes de motocicleta.

Existem muitos jovens como Geórgia, Simeon e Van – na verdade mais do que nunca na história do mundo. Cada um deles está entrando em uma idade repleta de riscos e de oportunidades, não apenas para eles, mas para suas famílias, suas sociedades e suas economias. Além disso, sua experiência determinará a qualidade da próxima

geração de trabalhadores, pais e líderes. As decisões sobre o desenvolvimento de suas aptidões, sobre o início de um novo caminho para a independência financeira e sobre a integração em uma comunidade civil mais ampla terá efeitos duradouros, com repercussões que irão muito além deles e de suas famílias.

“Nossos pais nunca tiveram as chances que temos; precisamos nos esforçar e conseguir fazer o melhor possível para garantir que possamos cuidar de nossos pais quando chegarem à velhice”.

Homem jovem,
Dhaka, Bangladesh
Janeiro de 2006*

A maioria dos formuladores de políticas sabe que os jovens terão grande influência no futuro de suas nações. Ao tentar ajudar, eles enfrentam dilemas. No momento em que a conclusão do ensino básico cresceu de forma tão extraordinária, graças ao investimento público, por que o analfabetismo parece tão persistente? Por que um grande número de profissionais recém-saídos da universidade ficam desempregados durante meses, ou até anos, enquanto as empresas reclamam da falta de empregados qualificados? Por que jovens começam a fumar quando há campanhas mundiais tão divulgadas para controlar o tabagismo? O que deve ser feito com os soldados dispensados, ainda no final da adolescência, que mal sabem ler, mas já passaram da idade de frequentar a escola fundamental? Trata-se de perguntas difíceis e há muitas outras. As respostas são importantes para o crescimento e a redução da pobreza. Este Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial oferece um contexto e fornece exemplos de políticas e programas para abordar essas questões.

As decisões tomadas durante cinco transições na juventude têm os maiores impactos de longo prazo sobre o modo como o capital humano é mantido em segurança, é desenvolvido e utilizado: continuar a estudar, começar a trabalhar, desenvolver um estilo de vida saudável, constituir uma família e exercer a cidadania. O foco do relatório nessas transições define nossa escolha sobre quem incluir como a “próxima geração”. Como essas transições ocorrem em diferentes momentos e em sociedades diversas, o relatório não se fixa em uma faixa etária definida, mas considera a faixa entre 12 e 24 anos como a mais relevante para a abordagem das transições desde a puberdade até a independência econômica.

Os jovens e suas famílias tomam suas decisões, mas as políticas e as instituições também afetam os riscos, as oportunidades e, finalmente, os resultados. Colocando uma “perspectiva de jovem” nessas políticas, o relatório apresenta três orientações estratégicas para a reforma:

- *Oportunidades.* Ampliar as oportunidades de desenvolvimento do capital humano expandindo o acesso e melhoria da qualidade da educação e dos serviços de saúde; facilitando o início da vida profissional; e dando voz aos jovens para expressar o tipo de assistência que desejam e a oportunidade de participar da prestação dessa assistência.

- *Competências.* Desenvolver as competências dos jovens para que façam boas escolhas entre essas oportunidades reconhecendo-os como agentes da tomada de decisão e ajudando a garantir que suas decisões sejam bem fundamentadas, disponham de recursos apropriados e sejam sensatas.
- *Segundas oportunidades.* Fornecer um sistema eficaz de segundas oportunidades por meio de programas direcionados que proporcionem aos jovens a esperança e o incentivo para recuperarem-se da má sorte ou de escolhas mal feitas.

Investir nos jovens – agora

A situação dos jovens de hoje oferece ao mundo uma oportunidade sem precedente de acelerar o crescimento e reduzir a pobreza (Capítulo 1 do relatório). Em primeiro lugar, graças aos avanços relacionados ao desenvolvimento das décadas anteriores, mais jovens estão concluindo a educação básica e sobrevivendo às doenças da infância. Entretanto, para obter êxito na economia competitiva global de hoje, eles precisam estar equipados com aptidões avançadas que vão além da alfabetização; para continuarem saudáveis, precisam enfrentar novas cargas de doenças, tais como as doenças sexualmente transmissíveis e a obesidade. Segundo, as reduzidas taxas de fertilidade em muitos países significam que os jovens de hoje ingressarão na força de trabalho com menos dependentes que não trabalham e, portanto, menos pessoas para sustentar. Porém, se permanecerem desempregados por longos períodos, podem representar um dreno na economia.

Desenvolvendo uma base mais forte de capital humano

Como a mão-de-obra é o principal ativo das pessoas de baixa renda, torná-la mais produtiva é a melhor forma de reduzir a pobreza. Isso exige o aumento das oportunidades de ganhar dinheiro e de desenvolver o capital humano a fim de aproveitar essas oportunidades. O crescimento econômico a partir de uma base ampla é importante.² São igualmente importantes a educação básica e os cuidados de saúde, especialmente para as crianças, a fim de proporcionar os fundamentos para as aptidões básicas e o bem-estar. O investimento nesses dois elementos tem trazido progresso significativo. As taxas de matrícula na escola de primeiro grau nos países de baixa renda à exceção da China e

* As fontes de todas as citações às margens podem ser encontradas no início das notas de fim da pág. 24.

da Índia aumentaram de 50% em 1970 para 88% em 2000. A expectativa média de vida ao nascer em todo o mundo subiu de 51 anos para 65 em menos de 40 anos.³

Esses avanços trazem novos desafios. O maior progresso requer jovens que sejam mais capazes e comprometidos.

No entanto, taxas de conclusão mais elevadas nos níveis básicos pressionam a capacidade de vagas no ensino médio (Figura 1). Quase todas as crianças indonésias frequentam a escola por seis anos e até mesmo 80% das mais pobres concluem os níveis básicos. Depois disso, contudo, as matrículas caem vertiginosamente, especialmente entre as crianças de baixa renda. A princípio, um número menor de crianças zambianas de baixa renda matricula-se, mas as matrículas também caem nos níveis secundários. As meninas, especialmente, ficam para trás, exatamente como aconteceu na expansão da educação básica, exceto na América do Sul, Leste Europeu e na antiga União Soviética.⁴ Ainda mais perturbador é o fato de que o grande número de alunos que sai das escolas de ensino básico não aprendeu o que deveria. Exames padronizados não apenas de ciência e tecnologia, mas de domínio das aptidões básicas demonstram que os estudantes dos países em desenvolvimento estão muito atrás daqueles dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (Capítulo 3).

As preocupações sobre a qualidade e a relevância do treinamento básico surgem exatamente quando a demanda de aptidões avançadas, tais como a capacidade para solucionar problemas, crítica para muitos setores da indústria, está crescendo. Ao contrário do que se poderia esperar, a maior disponibili-

dade de trabalhadores capacitados e instruídos numa economia global mais integrada, não resulta necessariamente em menor retorno para essa capacitação. Pode, na verdade, aumentar ainda mais a demanda de aptidões, acelerando uma mudança tecnológica que exige maior capacitação.⁵ As pesquisas sobre clima de investimento demonstram que mais de 20% de todas as empresas de países em desenvolvimento tão diversos quanto a Argélia, Bangladesh, Brasil, China, Estônia e Zâmbia classificam as aptidões e a educação inadequadas dos trabalhadores como um obstáculo importante ou grave a suas operações.⁶ Os retornos privados da educação de nível médio e superior vêm crescendo, especialmente nos países que têm educação básica quase universal.

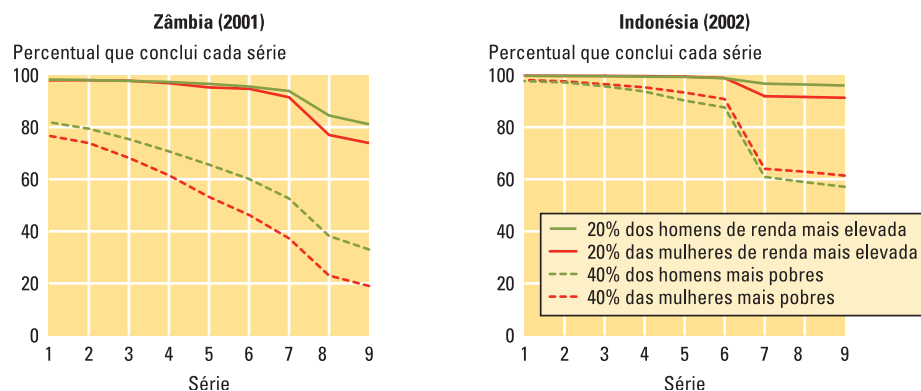
Existem também novos desafios em saúde. Depois de sobreviver os flagelos da infância, os jovens enfrentam ameaças à saúde em uma época muito vulnerável, em que iniciam a atividade sexual e entram na idade de busca de identidade e de assumir riscos. Em 2005, mais da metade dos estimados 5 milhões de pessoas que contraíram o HIV em todo o mundo era de jovens entre 15 e 24 anos, a maioria mulheres jovens e meninas (discutido nos Capítulos 1 e 5 do Relatório). A consequência econômica dessas doenças devastadoras pode ser enorme. Na África do Sul, o HIV/AIDS pode reduzir o crescimento do PIB em 20%. É de longe a principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos na África Subsaariana. Em outras regiões, as doenças não-transmissíveis são hoje a principal causa de morte de mulheres jovens. As lesões causadas por acidentes e violência são a principal causa entre os homens jovens.

O enfrentamento desses desafios afetará

“...mesmo os trabalhos que requerem menos aptidões... exigem a conclusão do curso secundário, às vezes até estudos universitários, mesmo que não sejam necessários. Com isso, as crianças que, por alguma razão, não puderam concluir o curso secundário, são excluídas.”

Jovem,
Buenos Aires, Argentina
Dezembro de 2005

Figura 1 As elevadas taxas de matrícula na educação básica são seguidas de taxas significativamente mais baixas nos níveis médios na Indonésia e Zâmbia



Fonte: Cálculos feitos pelos autores com base em pesquisas demográficas e de saúde.
Nota: Os quintis baseiam-se em um índice de ativos e características de habitação (DHS).

a redução da pobreza no longo prazo pelo menos por dois motivos. Primeiro, a capacidade de aprender é muito maior nos jovens do que nas pessoas mais velhas, portanto, a perda de oportunidades de adquirir aptidões, hábitos saudáveis e o desejo de ingressar na comunidade e na sociedade podem ser extremamente dispendiosos de reparar. Segundo, os efeitos do capital humano de pessoas jovens influenciam os efeitos de seus filhos. Pais com melhor educação têm filhos em menor número e mais bem educados. Em todos os países em desenvolvimento, mas especialmente nas regiões de baixa renda do Sul da Ásia e da África Subsaariana, as taxas de imunização são mais elevadas entre as famílias cujas mães têm alguma educação de nível médio. Esses efeitos entre gerações tiram as famílias da pobreza no longo prazo.

Aproveitando as oportunidades de uma “bolha de juventude” na população

A necessidade de abordar as questões dos jovens agora também está fundamentada na demografia – em virtude das exigências fiscais do elevado número de jovens atualmente e de sua participação na força de trabalho.

Hoje, 1,5 bilhão de pessoas em todo o mundo tem idade entre 12 e 24 anos e 1,3 bilhão está nos países em desenvolvimento o maior número da história. Esse número crescerá, mas não muito, porque está se aproximando rapidamente de um platô à medida que as taxas de fertilidade caem, produzindo uma “bolha” na estrutura da população mundial. Talvez, tão importante quanto essa bolha seja a diversidade de estruturas de idade entre os países do mundo, por causa das diferenças no ritmo da queda das taxas de fertilidade. Nos países desenvolvidos, essa transição de fertilidade ocorreu há tanto tempo que a bolha é composta de pessoas de meia idade, os *baby boomers* (pessoas nascidas em um período de altas taxas de natalidade). Seu desafio imediato é como assegurar o apoio financeiro apropriado e sustentável na idade avançada.

Alguns países em desenvolvimento, especialmente aqueles em transição na Europa e Ásia Central, refletem os padrões de idade dos países desenvolvidos. Entretanto, na maioria dos países em desenvolvimento, o número de jovens está atingindo seu patamar máximo, ou o alcançará nos próximos 10 anos. Outros, inclusive todos os países da África Subsaariana, Afeganistão, Iraque, Cisjordânia e Gaza e a República do Iêmen, não alcançarão o

patamar máximo nos próximos 20 anos, ou mais. Suas pirâmides populacionais têm formas mais clássicas, com bases amplas para os mais jovens, estreitando-se gradualmente com a idade.

Esses números podem representar um risco fiscal e econômico. Um estudo recente calcula que o custo anual de um estudante de nível médio na África Subsaariana seja quase o triplo da despesa pública por aluno no nível básico.⁷ Acrescente-se a isso o custo da abordagem dos problemas da AIDS e de doenças não-transmissíveis, além do financiamento da carga tributária, os quais, difíceis de administrar no melhor dos tempos, podem representar uma restrição ao crescimento. Além disso, se os jovens permanecerem desempregados por longos períodos, como aconteceu durante o *baby boom* na Europa e Estados Unidos, não se perderão apenas recursos humanos haverá o risco de expectativas frustradas e distúrbios sociais que poderiam refrear o clima de investimento e o crescimento.⁸

Essas cifras elevadas podem também representar uma oportunidade. Essa transição de fertilidade significa que muitos países em desenvolvimento estão, ou estarão em breve, em uma fase na qual se pode prever uma maior parcela da população em idade economicamente ativa. A expansão de uma força de trabalho com menos crianças e idosos para sustentar oferece uma janela de oportunidade para gastar em outras coisas, tais como a formação do capital humano.

A janela de taxas de dependência em queda pode permanecer aberta por até 40 anos, dependendo da taxa de redução da fertilidade. Depois, o envelhecimento a fecha. A boa notícia é o fato de quase todos os países em desenvolvimento ainda se encontrarem nessa janela (Figura 2). Entre aqueles que entraram cedo nessa janela, alguns a estão aproveitando integralmente e outros não. Um estudo atribui o crescimento do Leste Asiático – superior em mais de 40% ao da América Latina no período de 1965 a 1990 – ao crescimento mais rápido de sua população em idade economicamente ativa e a melhores políticas de desenvolvimento comercial e de capital humano⁹. Se os países não investirem no capital humano – mais lucrativo para os jovens – não poderão aspirar a obter esse dividendo demográfico.

Outros países pobres da África Subsaariana, Sul da Ásia, além do Oriente Médio e Norte da África estão próximos de assistir à abertura da janela de oportunidade (Figura 2). Se quiserem acompanhar a trajetória de crescimento

das economias asiáticas, precisam de políticas e instituições que ampliem as oportunidades para que os jovens desenvolvam seu capital humano e o utilizem de forma produtiva no trabalho. Na realidade, as aptidões gerais da força de trabalho, formadas em grande parte na infância e juventude, determinam o clima para o investimento nas empresas. E embora a taxa de matrícula na educação de segundo e terceiro graus seja elevada, a escassez de aptidões, uma característica de todos os países em desenvolvimento, é menor.

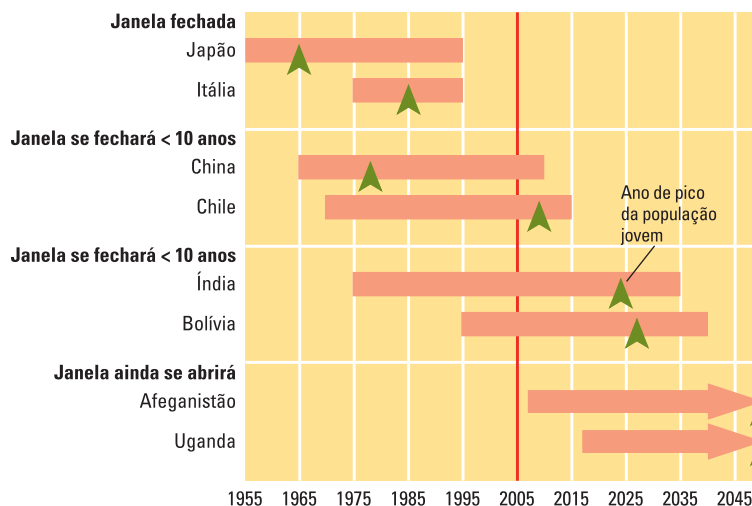
Investir em políticas corretas hoje pode trazer imensos benefícios para o futuro, porque os jovens, por serem a próxima geração de chefes de família e genitores, exercerão grande influência sobre seus filhos.¹⁰ Como ilustração, consideremos o Quênia, onde a AIDS deverá ter efeitos muito prejudiciais sobre o investimento no capital humano, pois a morte prematura de pais enfraquece os mecanismos para formá-lo. Para reforçar esses efeitos há o fato de que a provável mortalidade mais elevada entre adultos jovens da próxima geração reduz as expectativas de retorno ao nível familiar para o investimento em educação. Portanto, o investimento público nos jovens, por mais dispendioso que seja, é muito importante (Box 1).

Investimentos durante as cinco transições na vida dos jovens

As decisões que afetarão o bem-estar dos jovens e da sociedade são aquelas que formam o capital humano de base de modo a transformá-lo em trabalhadores, chefes de família, cidadãos e líderes comunitários produtivos. Por tal razão este relatório foca as transições pelas quais os jovens passam no aprendizado, trabalho, saúde, família e cidadania. Se bem adotadas, as decisões a respeito dessas transições desenvolverão, protegerão e utilizarão adequadamente o capital humano. Se mal adotadas, será muito dispendioso corrigir suas conseqüências, pois a evasão escolar, longos períodos de desemprego ou comportamentos de risco para a saúde podem deixar cicatrizes permanentes.

As políticas públicas podem exercer grande influência na determinação dos acontecimentos. À medida que os jovens passam por cada transição, o desenvolvimento de seu capital humano é prejudicado, não apenas pela pobreza, mas também pelos fracassos das políticas que afetam suas opções, especialmente o fracasso em oferecer ou financiar serviços adequados quando os mercados não funcionam.

Figura 2 Abertura e fechamento de janelas demográficas de oportunidade



Fonte: Organização das Nações Unidas 2006, variante média.

Nota: As barras exibem a faixa de anos na qual o quociente de dependência—o número de dependentes relativo ao número de pessoas em idade de trabalho—está caindo.

BOX 1. O investimento nos jovens proporciona excelente retorno: cálculo dos efeitos de longo prazo e interativos dos investimentos em capital humano

Adaptando um modelo de sobreposição de gerações utilizado para calcular o impacto macroeconômico da AIDS, pesquisadores aplicaram-no recentemente a uma gama mais ampla de investimentos em capital humano na África: "Ao matar principalmente adultos jovens, a AIDS não apenas destrói o capital humano que há neles; priva seus filhos exatamente daquilo que precisam para se tornarem adultos economicamente produtivos o carinho de seus pais, seu conhecimento e capacidade de financiar sua educação."¹¹

Em recente documento que apresenta explicitamente os efeitos da educação de nível médio, a epidemia de AIDS que chocou o Quênia em 1990 deverá reduzir o capital humano e a renda per capita, de tal modo que somente em 2030 o país recuperará seus níveis de 1990. Um investimento em educação – na forma de um programa de 30 anos para subsidiar a educação de nível médio, com custo inicial de cerca de 0,9% do PIB com início em 2000 e que atingirá 1,8% em 2020 – proporcionaria

uma renda per capita 7% superior à renda sem intervenção, com ganhos que iriam bem além de 2040. O atual valor líquido dos benefícios, com taxas de desconto razoáveis, seria de 2 a 3,5 vezes superior aos custos – um investimento que realmente vale a pena.

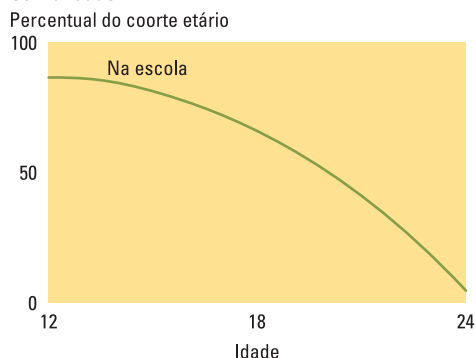
Devido à sinergia de longo prazo entre a educação de níveis médio e superior e a saúde dos adultos jovens, a associação desse subsídio a medidas diretas de combate à epidemia de AIDS e tratamento de suas vítimas teria resultados ainda melhores. Um programa que combinasse um menor subsídio à educação com medidas para combater a epidemia e tratar suas vítimas produziria, com o mesmo montante, ganhos ainda mais significativos. Esses ganhos não são apenas resultado do salvamento de vidas, mas também do aumento do incentivo ao investimento em educação, uma conseqüência da redução da mortalidade.

Fonte: Bell, Bruhns e Gerbasch (2006).

Aprendizado após a idade da educação fundamental

Aos 12 anos, mais de 85% de todas as crianças dos países em desenvolvimento freqüentam a escola, uma proporção que diminui à medida que ficam mais velhas (Figura 3). (As Figuras 3, 4, 6, 7 e 8 são representações estilizadas dos números apresentados no Capítulo 1 do Relatório e utilizam dados reais). Quase todas

Figura 3 As taxas de matrícula dos jovens caem com a idade



Fonte: Autores.

estão fora da escola aos 24 anos. O que elas aprendem quando crianças permanece para toda a vida e é muito mais difícil dominar esses conhecimentos quando tentam fazê-lo na idade adulta.

As aptidões são desenvolvidas muito cedo pelos pais, que depois levam seus filhos para as pré-escolas e escolas de ensino fundamental. O caminho que se espera para os jovens é prosseguirem para o ensino médio, quando são tomadas as decisões sobre o ingresso na força de trabalho, casar-se e cursar o ensino superior. Essas decisões podem necessitar de apoio do governo, porque alguns ganhos da escolaridade beneficiam a sociedade mais do que os indivíduos. Os governos também ten-

tam equilibrar o campo de atuação para ricos e pobres, de modo que os mais aptos alcancem maior escolaridade.

Alguns países obtêm mais êxito na administração dessa transição do que outros. Vários Governos do Leste Asiático tiveram um desempenho tão bom que foi considerado um milagre.¹² Por mais que se queira acreditar em milagres, muitos outros países têm muito menos probabilidade de vê-los. Por quê?

- Apesar do vertiginoso progresso recente nos índices de conclusão da educação fundamental, uma das Metas de Desenvolvimento do Milênio, as crianças não estão aprendendo como deveriam (Box 2).
- Muitas das que completam a educação básica não podem dar prosseguimento à sua educação devido à escassez de vagas nas escolas, falta de recursos ou gravidez ou por todos estes três motivos.
- A onda global de mudança econômica e tecnológica está exigindo dos trabalhadores mais do que as aptidões básicas. Por exemplo, em muitos países da América Latina, a oferta de aptidões não acompanha a crescente demanda.¹³ O problema não se resume à insuficiência numérica, mas também diz respeito ao treinamento irrelevante.

BOX 2. A má qualidade da educação básica restringe seriamente as oportunidades dos jovens

O vertiginoso progresso recente no número de crianças que completam a educação fundamental, uma das Metas de Desenvolvimento do Milênio, não atende completamente às necessidades dos países, porque as crianças não estão aprendendo como deveriam. Muitos, mesmo aqueles que chegam às primeiras séries do ensino médio, mal sabem ler ou escrever e estão despreparados para enfrentar os aspectos práticos da vida. Em vários países da África, menos da metade de todas as mulheres jovens de 15 a 24 anos é capaz de ler uma frase simples após três anos de educação básica (Capítulo 3) e em Gana e Zâmbia, mesmo depois do sexto ano (painel esquerdo da Figura). Mesmo entre aqueles que ingressam nas primeiras séries do ensino médio (geralmente 7ª e 9ª séries), a preparação é baixa.

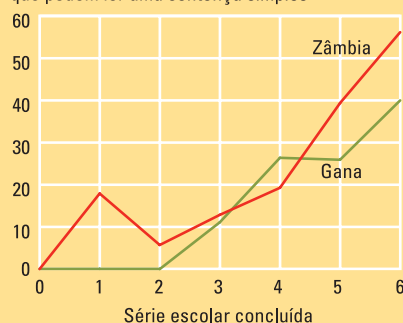
O hiato não se limita apenas ao aprendizado formal. Muitos jovens desconhecem fatos básicos que lhes podem custar a própria vida, tais como a causa do HIV/AIDS, em uma época em que muitos iniciam a atividade sexual. O conhecimento sobre o uso de preservativos é muito baixo, independentemente do nível de escolaridade, tanto nos países com alta quanto com

baixa prevalência do HIV. Os riscos são ainda mais elevados porque o uso de preservativos é geralmente menor do que as taxas de conhecimento poderiam sugerir. Essa ignorância pode

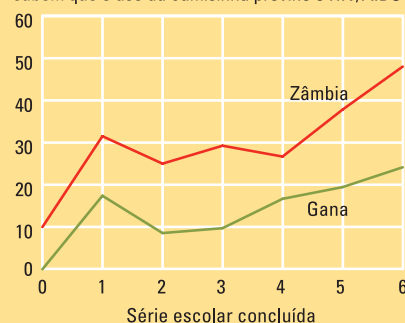
ser devastadora. No Quênia, a probabilidade de uma pessoa com 20 anos morrer antes de completar 40 está projetada em 36% em 2010; sem AIDS, teria sido de 8%.¹⁴

Há grandes hiatos entre o conhecimento formal e o conhecimento sobre a vida entre os jovens

Percentagens de mulheres jovens de 15 a 24 anos que podem ler uma sentença simples



Percentagens de mulheres jovens de 15 a 24 anos que sabem que o uso da camisinha previne o HIV/AIDS



Fonte: Cálculos feitos pelos autores com base em pesquisas demográficas e de saúde.

Nota: O Zâmbia tem alta prevalência de HIV/AIDS.

- Muitos jovens não têm motivação para esforçar-se por causa da precariedade do ensino e dos ambientes escolares.
- Outros concluem os estudos muito tarde ou nunca o fazem. Em Mali, somente cerca de 20% da população de 15 a 29 anos completaram o ensino fundamental. Em Malawi mais da metade de todos os estudantes com 19 anos ainda está no ensino fundamental (Capítulos 2 e 3). As aptidões de que esses jovens necessitam e as formas pelas quais podem ser desenvolvidas diferem daquelas para as crianças mais jovens, que avançam no sistema no tempo certo.

Iniciando uma vida profissional produtiva

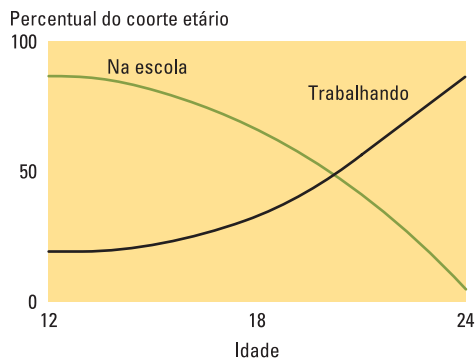
Depois de criadas, as aptidões devem ser bem implementadas. Em quase todos os países, esse processo começa em algum momento dos 12 aos 24 anos (Figura 4). O início de uma vida profissional é considerado por muitos cientistas sociais o principal indicador de independência. Mas a transição nem sempre é simples. Longos períodos de inatividade na juventude são dispendiosos, desperdiçando o acúmulo de aptidões no trabalho e um histórico profissional que poderia enviar sinais positivos para os futuros empregadores. Uma pesquisa sobre os países da OCDE indica que, embora muitos jovens superem esses episódios, as cicatrizes são mais marcantes para os que receberam menos educação e os desfavorecidos (Capítulo 4).

Uma função da política governamental é corrigir as falhas de informação que podem inibir oportunidades, tais como avaliações incorretas de um possível empregador sobre o potencial de produtividade, aptidões e hábitos de trabalho de um jovem inexperiente. Uma segunda função é garantir que as famílias de baixa renda não sejam obrigadas a fazer que seus filhos comecem a trabalhar muito cedo, antes de adquirirem as aptidões básicas. A terceira é corrigir as conseqüências de políticas mais amplas, tais como os salários mínimos fixados em níveis tão elevados que reduzem, de forma não intencional, os incentivos à criação de empregos para jovens relativamente inexperientes.

As principais questões para os países no gerenciamento dessa transição para os jovens incluem o seguinte:

- *Começar a trabalhar cedo demais.* Existe a possibilidade de as crianças e adolescentes serem explorados quando iniciam prematuramente o trabalho em tempo integral, motivo pelo qual muitos países

Figura 4 O ingresso na força de trabalho aumenta com a idade



Fonte: Autores.

concordaram em convenções internacionais banindo as piores formas de trabalho infantil. Começar a trabalhar cedo demais também os impede de adquirir na escola suficientes aptidões básicas – aptidões que aumentariam suas possibilidades de serem contratados por um maior número de empregadores.

- *Invadir o mercado de trabalho.* Em todas as sociedades, o início de uma subsistência independente é difícil, especialmente porque a chave para a abertura de oportunidades é o histórico de uma pessoa, seus hábitos de trabalho, aptidões para o emprego e capacidade de pagar empréstimos. Não é de estranhar que as taxas de desemprego dos jovens sejam sistematicamente superiores às das gerações mais velhas (Figura 5). Em alguns países de renda média com instituições de mercado de trabalho rígidas, os hiatos entre as taxas dos jovens e as dos adultos são amplos e podem ter custos enormes representados pelo não-aproveitamento de oportunidades de criação de aptidões. Na Guatemala, por exemplo, a experiência em trabalhos especializados aumenta a compreensão da leitura e as aptidões cognitivas não verbais dos adultos.¹⁵
- *Mudar para novos empregos mais especializados.* Especialmente nos países pobres, os jovens não estão ociosos – estão trabalhando muito, mas recebendo salários muito baixos. A troca de emprego para ganhar salários mais altos ou ingressar no setor formal é uma maneira de ascender na carreira profissional. Muitas pessoas, porém, encerram sua vida profissional exatamente onde iniciaram.

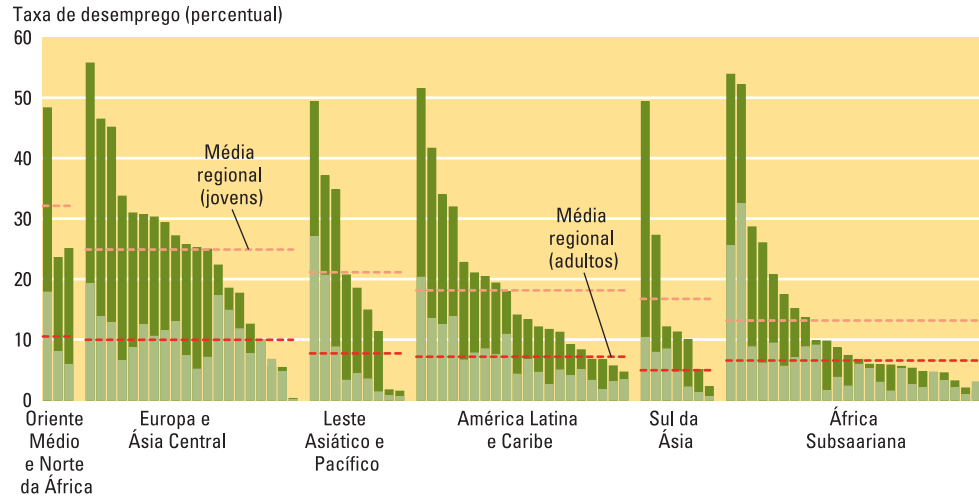
Adotando um estilo de vida saudável

Se as taxas de mortalidade são o padrão de

“Os alunos graduados são mil vezes mais numerosos do que as vagas existentes.”

Homem jovem,
Foum Zaouia, Marrocos
Maio de 2005

Figura 5 Em todos os países a taxa de desemprego é mais elevada entre os jovens do que entre as pessoas mais velhas, com hiatos muito maiores em alguns países



Fonte: Os cálculos dos autores baseiam-se em Fares, Montenegro e Orazem (2006). Nomes dos países disponíveis mediante solicitação.

Nota: A barra completa mostra a taxa de desemprego de jovens em um único país; o segmento mais claro mostra a taxa de desemprego de adultos no mesmo país.

referência, os jovens formam um grupo saudável: uma criança média, com 10 anos de idade, tem 97% de possibilidade de chegar aos 25 anos. A mortalidade é, contudo, um indicador enganoso da saúde dos jovens, porque não reflete o comportamento que coloca sua saúde em risco mais tarde. É na juventude que as pessoas começam a fumar, a consumir álcool e drogas, iniciam a vida sexual e têm mais controle sobre a alimentação e atividade física, ou seja, os comportamentos que persistem e afetam sua saúde futura. No Nepal e na Indonésia quase 60% de todos os homens jovens de 15 a 24 anos são atualmente fumantes. Em muitos países, os jovens iniciam a vida sexual antes dos 15 anos e menos da metade dos jovens sexualmente ativos usa preservativos (Capítulo 5).

Todos os efeitos de alguns desses comportamentos da juventude sobre a saúde só

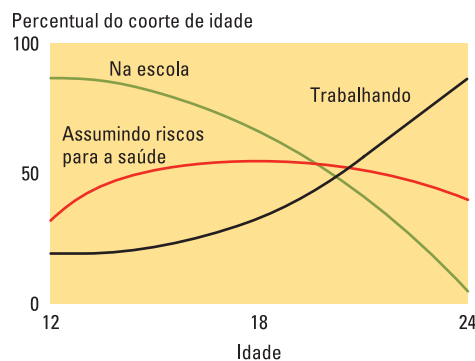
serão sentidos na idade adulta. Essas decisões precoces podem ter conseqüências negativas de longo alcance, privando a economia do capital humano produtivo e aumentando os custos da saúde pública.

Como as conseqüências (algumas vezes catastróficas) para a saúde provenientes desses comportamentos só aparecem anos mais tarde, seu tratamento é muito mais difícil e dispendioso do que a prevenção. No entanto, para muitos jovens a busca de uma identidade estável, associada a horizontes de curto prazo e informação limitada, estimula-os a procurar experiências que colocam em risco sua saúde. Eles tendem, por exemplo, a atribuir muito pouca importância às conseqüências negativas de longo prazo do fumo ou de contatos sexuais. À medida que experimentam, arriscam mais sua saúde; à medida que ficam mais velhos, essa tendência diminui (Figura 6). A redução do risco entre os jovens requer que eles disponham das informações e da capacidade para tomar decisões e levá-las adiante. As políticas podem ajudar muito os jovens a administrar esses riscos, especialmente se alertarem os jovens para as conseqüências de longo prazo a respeito daquilo que fazem hoje.

Formação da família

Na maioria dos países, o primeiro filho, a entrada na maternidade/paternidade, acontece na juventude. Como a maioria das mulheres tem o primeiro filho entre os 15 e os 24 anos – uma conseqüência da queda da fertilidade na maioria dos países nas duas

Figura 6 Os comportamentos de risco atingem o nível mais elevado durante a juventude



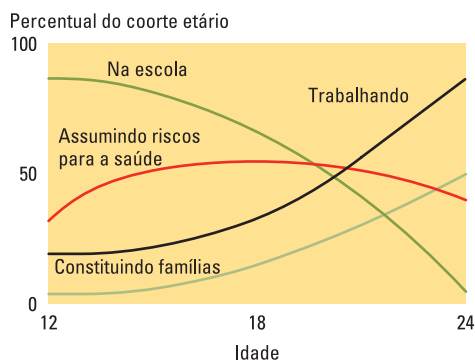
Fonte: Autores.

últimas décadas – os jovens estão conduzindo a transição demográfica dos países. Quando as meninas dos países em desenvolvimento chegam aos 25 anos, quase 60% delas já são mães (Figura 7). Os meninos fazem essa transição mais tarde. A maioria torna-se pai entre os 25 e os 29 anos.

A capacidade e a disposição dos jovens genitores de investir nos próprios filhos é o principal fator na determinação dos resultados para as gerações futuras. Os jovens tendem a não investir o suficiente nos serviços de planejamento familiar e saúde materna. Por este motivo os governos talvez precisem participar de decisões que, em outras condições, parecem ser de foro íntimo. Outra justificativa para o investimento governamental no apoio à transição para a maternidade/paternidade é a garantia da equidade. O percentual de mulheres que deram à luz antes dos 15 anos é significativamente maior no quintil mais pobre do que nos outros para os 15 países que dispõem de dados. Oportunidades econômicas limitadas, acesso precário a serviços e regras tradicionais acerca do comportamento sexual, casamento e maternidade/paternidade podem estimular o casamento com muito pouca idade – até mesmo aos 12 anos, ou menos, entre algumas meninas (Capítulo 6).

Os serviços de nutrição e saúde reprodutiva estão entre os investimentos mais importantes em capital humano que preparam os jovens para se tornarem a próxima geração de genitores. Apesar de a subnutrição não ser tão comum entre os jovens quanto antes, as deficiências de micronutrientes permanecem. Embora o uso de serviços de planejamento familiar e de saúde materno-infantil tenha aumentado em muitos países, ainda permanece baixo em outros. Mesmo onde o uso desses serviços aumentou, as mulheres jovens e primíparas muitas vezes não recebem todos os serviços.

Figura 7 A constituição da família aumenta com a idade



Fonte: Autores.

Exercício da cidadania

A juventude é o período em que as pessoas começam a ser ouvidas e reconhecidas fora da família (Figura 8). Estabelecem suas identidades como indivíduos quando começam a interagir de forma independente com uma comunidade maior. Pelo simples fato de serem membros da comunidade, recebem tanto direitos (a julgamento imparcial) como obrigações (pagamento de impostos). A cidadania enfatiza também a forma pela qual os indivíduos devem responsabilizar as autoridades públicas por suas ações, exigir justiça e ser tolerante com pessoas de diferentes grupos étnicos ou religiosos. O direito ao voto é geralmente concedido àqueles que completam 18 anos. A disposição e a capacidade para exercer esse direito e outros deveres da cidadania são formadas muito antes e, uma vez formadas, tendem a ser permanentes (Capítulo 7).

Sem as oportunidades de uma participação cívica produtiva, as frustrações dos jovens podem transformar-se em comportamento violento e levar à instabilidade econômica e social – centelhas capazes de acender contendas duradouras. Uma das primeiras causas do conflito étnico entre cingaleses e tâmeis no Sri Lanka foi a frustração sentida por estudantes tâmeis que haviam sido excluídos das vagas nas universidades e de outras vias de participação cívica.¹⁶

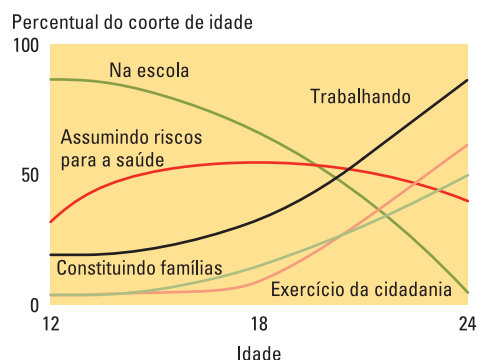
A participação política formal e o envolvimento em organizações sociais – elementos essenciais da boa governança – são, por sua vez, necessários para o investimento privado. Ampliam o acesso às oportunidades econômicas, especialmente para grupos anteriormente excluídos, mais nitidamente as mulheres. Também podem intensificar a ação coletiva para aumentar a pressão para que os governos prestem serviços públicos de boa qualidade.

As transições sobrepõem-se (ver Figura 8). Alguns jovens levam uma vida sem complicações e sofrem apenas uma ou duas dessas transições de cada vez. Outros já podem estar desenvolvendo sua vocação para executar múltiplas tarefas: estão na escola, trabalhando em regime de meio expediente, casados, dirigindo o próprio veículo e participando de conselhos locais. Por essa razão as políticas que mudam uma decisão em uma transição podem facilmente afetar o clima de investimento para a formação do capital humano em outras transições.

Como nas escolas as aptidões básicas são aprendidas cedo, a falta de investimentos em

“Os jovens sempre têm sonhos; raramente perdemos a esperança. Por isso, o papel do Estado deve ser como um guia para reforçar as práticas democráticas e oferecer aos jovens mais áreas de participação política e comercial.”

Flor de Maria, 24 anos
Peru

Figura 8 A participação cívica cresce com a idade

Fonte: Autores.

educação pode aumentar muito os custos da busca de estilos de vida saudáveis e do trabalho. Da mesma maneira, os comportamentos de risco que resultam na morte prematura de um homem jovem ou na gravidez inesperada de uma menina podem reduzir significativamente os retornos da educação. O desemprego prolongado pode acarretar a falta de interesse em investir na continuidade dos estudos, possível perturbação mental, atraso na constituição da família e manifestações negativas da cidadania.

Essas transições também podem ter trajetórias muito diferentes entre gêneros. Na puberdade, a transição das meninas adolescentes é muito diferente da dos meninos. Esse evento sinaliza o potencial de maternidade – associado às preocupações de algumas sociedades acerca da proteção das meninas, algumas vezes a ponto de cercá-las excessivamente – e o momento em que os meninos devem trabalhar para receber salário (após o Capítulo 2 do Relatório é apresentado um destaque sobre gênero).

As políticas não devem focar apenas as oportunidades para os jovens, mas também suas competências e segundas oportunidades

Alguns dos desafios à formação do capital humano durante as transições da juventude estão relacionados à “oferta” – uma escassez de oportunidades de acesso aos serviços e às experiências profissionais que formam o capital humano. Outros, estão relacionados à “procura” por causa dos comportamentos que refletem a falta de informações, de recursos ou de tomada de decisão experiente. Ambos podem ser tratados pelas políticas certas.

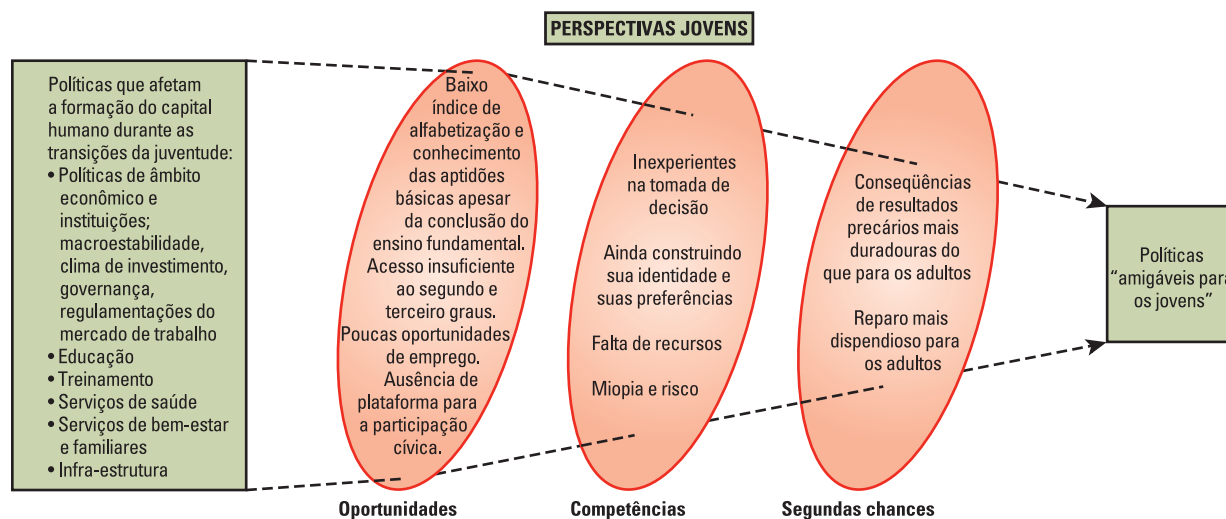
Todas as nações já têm políticas e programas que afetam as vidas dos jovens. Eles têm escolas, universidades, normas para o mercado de trabalho, hospitais e leis que lhes dão o direito de votar. As estratégias que os formam são definidas principalmente em departamentos setoriais sólidos. Este relatório as avalia pela perspectiva jovem. Essas estratégias são apropriadas para as transições de vida e os ambientes dos jovens? São apropriadas para atender às suas necessidades?

O ponto de partida dessa avaliação é uma base sólida do capital humano adquirido antes da adolescência – um emprego dos princípios de modelos de investimento há muito reconhecidos na economia.¹⁷ Além de dar apoio à preparação de jovens com menos de 12 anos, o relatório usa uma estrutura que divide a perspectiva jovem em três perspectivas que se apoiam entre si, focam as políticas e ampliam seu impacto (Figura 9). A estrutura amplia o modelo do capital humano tratando não apenas os governos e famílias, mas também os jovens, como potenciais investidores.

- A primeira perspectiva foca os hiatos em oportunidades para a construção do capital humano e em políticas que ajudam os jovens a adquirir, melhorar e implementar suas aptidões.
- A segunda perspectiva foca as competências dos jovens quando fazem sua escolha entre as oportunidades disponíveis para eles e sobre políticas que fornecem as informações e os incentivos para ajudá-los a tomar decisões acertadas.
- A terceira perspectiva foca a atenuação de resultados indesejáveis e as políticas que oferecem *segundas oportunidades* que fazem os jovens retornarem ao caminho da construção do seu capital humano para o futuro.

Da mesma forma que as três perspectivas precisam estar alinhadas para uma imagem estar em foco, as políticas devem ser bem coordenadas para terem o máximo impacto. Os jovens perderão oportunidades se as competências para aproveitá-las forem reduzidas ou mal direcionadas. Ter melhores competências para tomar decisões (agência) pode causar frustrações se as oportunidades ficarem muito aquém das aspirações. A falta de segundas oportunidades pode levar a uma queda vertiginosa dos resultados. Algumas das perspectivas aproximam mais certas transições do que outras. Nas transições para a sustentação de um estilo de vida saudável e constituição de famílias, por exemplo, os resultados são influenciados principalmente

Figura 9 As transições vistas pelas três perspectivas focam as políticas e aumentam o impacto



pelo comportamento dos jovens. A ênfase, portanto, seria nas competências.

A visualização das políticas de âmbito econômico e setorial através dessas perspectivas torna-as propícias aos jovens por meio da identificação de hiatos e definição de prioridades. A necessidade de reduzir hiatos não significa necessariamente que a mão benevolente do governo deva fazer todo o trabalho pesado – mesmo que bem intencionados, muitos governos não dispõem dos recursos e da capacidade para fornecer todos os instrumentos necessários. Em vez disso, a política pública precisa melhorar o clima para que os jovens, com o apoio da família, invistam em si próprios – abordando os custos, riscos e os retornos percebidos do investimento em pessoas, exatamente como devem fazer com as empresas. As três próximas seções completam o lado direito da Figura 9 com exemplos de políticas e programas específicos.

Políticas para a ampliação de oportunidades

O desenvolvimento e a implementação do capital humano dos jovens transformam-se em desafios especiais à medida que crescem os números relativos à sobrevivência às doenças da infância e à conclusão do ensino fundamental. O não-tratamento desses desafios transporta a pobreza para as gerações seguintes, pois os resultados precários dos jovens hoje são transmitidos para seus filhos. Os países que escaparam dessa espiral melhoraram as aptidões básicas dos adolescentes e adultos jovens, cumpriram as exigências para aptidões de categorias ainda mais elevadas e

atenuaram o ingresso dos jovens no trabalho e sua participação cívica.

Melhoria das aptidões básicas – intervir mais cedo no ciclo de vida e focar a qualidade

A lição da grande expansão da educação nas décadas de 1980 e 1990 é clara – a rápida expansão de vagas pode prejudicar a qualidade, o que se reflete em altas taxas de matrícula, mas pouca realização. No Marrocos e na Namíbia mais de 80% dos estudantes permanecem na escola até o último ano da educação fundamental, mas menos de 20% têm o domínio mínimo do material (Capítulo 3). Os jovens já estão pagando o preço; poucos dos inúmeros adolescentes que concluem o ensino básico têm conhecimentos suficientes para serem considerados membros da sociedade capazes de ler e escrever e de lidar com números. Uma perspectiva jovem, portanto, reforça a questão – amplamente documentada em relatórios sobre o monitoramento em todo o mundo¹⁸ – de melhorar o equilíbrio entre a expansão das matrículas no ensino fundamental e a garantia de um padrão mínimo de qualidade.

O que os países devem fazer. Em primeiro lugar, avaliar bem a qualidade. A quantidade pode ter sido enfatizada porque é mais fácil medir as taxas de matrícula e de conclusão do que os resultados do aprendizado. Esse quadro está mudando lentamente com a introdução de testes padronizados, que podem ser comparados entre as escolas de um país e entre os países.¹⁹

Em segundo lugar, analisar o sistema de aprendizado ao longo de todo o ciclo de vida

“Existem coisas práticas na vida que a escola secundária nunca sequer abordou como, por exemplo, como enfrentar e solucionar problemas.”

Jovem,
Honduras
Janeiro de 2006

e não como ciclos independentes de educação pré-escolar, básica, de segundo e de terceiro grau. Para muitos países, isso significa a melhoria dos fundamentos básicos antes que as crianças cheguem à adolescência por meio de investimentos em nutrição, saúde e desenvolvimento psicossocial. Em países tão diferentes quanto a Jamaica, Filipinas, Turquia e Estados Unidos,²⁰ cuidados infantis aprimorados e programas voltados para a pré-escola resultaram em melhor desempenho nos testes, taxas mais elevadas de conclusão do segundo grau e até menores índices de criminalidade entre os participantes com bem mais de 20 anos de idade (Figura 10).

A criação de aptidões básicas para uma sociedade que funcione bem pode exigir que a primeira fase do ensino médio seja universal, o que muitos países já estão fazendo. Mais uma vez, isso pode prejudicar a qualidade. A definição de padrões, o desenvolvimento de sistemas de acreditação e avaliação, o treinamento e motivação de professores e o aumento da responsabilização dos administradores de escolas com relação aos pais, alunos e as comunidades locais são apenas algumas medidas (Capítulo 3). Como o foco na qualidade tem um custo, o que pode ser adiado até os últimos anos do ensino médio e mais tarde, é a etapa de seleção e especialização que alguns países transferiram das primeiras séries. Na reforma do ensino médio no Chile, por exemplo, toda a especialização profissional passou para as últimas séries do

ensino médio, definindo melhor uma base acadêmica sólida.

Atendimento à procura de aptidões de categorias mais elevadas – aumento da relevância da educação de segundo e terceiro graus.

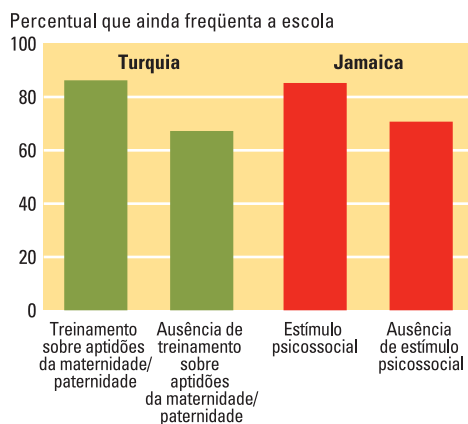
Mesmo quando os países lutam com necessidades básicas, a economia global exige mais aptidões técnicas e comportamentais, especialmente as aptidões formadas dos 15 aos 24 anos. A concorrência fez crescer a procura de inovação tecnológica que exige maior capacitação na Ásia e na América Latina, grande parte no setor de exportação, que tende a usar um número desproporcionalmente maior de pessoas jovens (Capítulo 4).

Essa pressão pode ser reduzida se mais alunos completarem o último ciclo do ensino médio e os cursos universitários. O simples aumento da quantidade não é suficiente porque o principal é o conteúdo e de que modo ele é oferecido. Se a qualidade for baixa ou se o que for aprendido não for relevante no mercado de trabalho, as taxas de desemprego podem ser elevadas, mesmo para os mais bem preparados. Países como a África do Sul estão tentando responder à procura de qualidade e relevância por parte dos empregadores com a reformulação dos currículos das últimas séries do ensino médio, a fim de enfatizar o pensamento prático e as aptidões comportamentais e com maior oferta de assuntos acadêmicos e vocacionais combinados (Capítulo 3). As políticas que vinculam instituições educacionais a potenciais empregadores do setor privado por meio de consultas regulares e de projetos de pesquisa de parceria universidade-indústria ajudam, como na China.

Tais reformas podem ser dispendiosas por causa do alto custo por unidade da educação além do ensino básico. A escassez de professores de Matemática e Ciências é particularmente grave na África Subsaariana. É possível obter ganhos de eficiência por meio de melhores incentivos para administradores e professores, tais como os esquemas de pagamento baseados no desempenho que estão sendo testados atualmente em alguns países da América Latina (Capítulo 3).

Muitos sistemas educacionais também podem expandir-se e melhorar pela diversificação de suas fontes de financiamento. As famílias já contribuem significativamente para o custo da educação superior em alguns países – até 80% do custo em economias de alto desempenho com taxas de matrícula relativamente elevadas, tais como o Chile e a República da Coreia – quando consideram

Figura 10 Intervenções na primeira infância (de 1 a 5 anos de idade) podem ter efeitos duradouros sobre os jovens (de 13 a 15 anos)



Fontes: Walker e outros (2005) e Kagitcibasi, Sunar, e Bekman (2001).

Nota: Na Turquia, a intervenção durou quatro anos, de 3 a 9 anos de idade, e incluiu treinamento sobre as aptidões da maternidade/paternidade e creches. Somente as aptidões da maternidade/paternidade tiveram efeito sobre a resposta nas idades de 13 a 15 anos. Na Jamaica, as crianças de 1 a 2 anos receberam estímulo psicossocial profissional durante dois anos e a continuação ocorreu nas idades de 17 a 18 anos. Ambas são avaliações controladas.

que estão obtendo retorno do seu investimento. Países como a República Eslovaca, Turquia e Uruguai, onde os recursos privados contribuem com 20% ou menos do custo total dos níveis superiores de educação,²¹ conseguiram mobilizar mais recursos por meio de taxas, parcerias público-privadas, atividades geradoras de renda (consultorias, arrendamento de bens não utilizados, operação de empresas) e apoio de doadores.

Programas que permitem a ricos e pobres competir mais igualmente estão apenas começando a ser testados. É evidente que o “ensino gratuito” de terceiro grau não é financeiramente sustentável nem direciona benefícios para os pobres, já que muito poucos estudantes de baixa renda tentam ingressar nas instituições de ensino superior. No Uruguai, mais de 60% dos estudantes que desfrutam de ensino gratuito em universidades públicas são provenientes dos dois quintis mais ricos.²² Empréstimos ou bolsas de estudo direcionadas para estudantes de famílias desprivilegiadas podem ser eficientes e sustentáveis. Alguns países, por exemplo, subsidiavam instituições privadas de segundo e terceiro graus de acordo com o número de alunos de baixa renda que elas matriculam. As instituições solicitam os subsídios e são então monitoradas quanto ao cumprimento de padrões de qualidade (Capítulo 3).

Acumular aptidões no emprego – reduzir barreiras para começar a trabalhar e facilitar a mobilidade

A ampliação de oportunidades de emprego para os jovens funciona melhor quando baseada em um crescimento em todo o espectro da economia que incentive a demanda: uma onda crescente ergue os barcos dos jovens, assim como o de todas as pessoas.²³ Em muitas economias, uma orientação para exportação e um investimento direto estrangeiro aumentaram a demanda de jovens trabalhadores. Essas políticas foram citadas, juntamente com educação básica sólida, como fonte de crescimento para explicar o “Milagre do Leste Asiático”.²⁴ Na Indonésia, em setores fortemente voltados para a exportação, tais como a indústria de eletrônicos e têxteis, as cotas de emprego para jovens são mais do que o dobro da média nacional – realmente setores de “mão-de-obra intensiva de jovens” (Capítulo 4). Eles tiveram um efeito especialmente estimulante nos grupos anteriormente excluídos, como os das mulheres jovens em Penang, Malásia, cuja entrada na força de trabalho há 20-30 anos estimulou o crescimento em uma incipiente indústria de eletrônicos e

alterou os estereótipos sociais das mulheres. Por isso, as políticas que abrem a economia para o livre comércio tendem a ser favoráveis aos jovens. Uma ótica jovem não mudaria necessariamente essas políticas – apenas fortaleceria o argumento para adotá-las em primeiro lugar.

Uma ótica jovem também pode significar que algumas políticas gerais precisam ser alteradas uma vez levadas em conta as implicações para os jovens. Esse é o caso das regulamentações do mercado de trabalho que afetam de maneira desproporcional aqueles que acabam de ingressar no mercado. As políticas que limitam a flexibilidade e a mobilidade nos setores tendem a prolongar a transição para o trabalho, restringindo principalmente os jovens. A legislação trabalhista na América Latina e países da OCDE pode aumentar a taxa de desemprego entre os jovens (Capítulo 4). Um salário mínimo muito elevado pode desencorajar o emprego de mão-de-obra sem qualificação, principalmente jovens trabalhadores que acabam de ingressar no mercado de trabalho. Esses argumentos não são motivo para abandonar todas as leis e regulamentos. Em vez disso, eles são um convite ao desenvolvimento de políticas que forneçam proteção adequada sem tolher as oportunidades de grupos já desfavorecidos.

Em países mais pobres como Burkina Fasso, Gâmbia, Nicarágua, Paraguai, Ruanda e Serra Leoa, muitos jovens tendem a começar a trabalhar no setor informal (Capítulo 4). Embora a informalidade não resolva todos os problemas de emprego para os jovens – mesmo que para vender nas ruas sejam necessárias algumas aptidões de venda e de comunicação e as condições sejam difíceis – a evidência sugere que ela pode ser um ponto de partida consideravelmente flexível e produtivo para o emprego formal. Se esses empregos forem o primeiro degrau, em vez do último na escada da qualificação, os jovens precisam ser capazes de mudar livremente para aproveitar as oportunidades que surgirem no caminho. O treinamento prático que combina aptidões ocupacionais e comportamentais pode tornar os jovens mais versáteis. No entanto, o histórico de escolas – e até mesmo de grandes instituições públicas nacionais de treinamento que proporcionam tais aptidões – na melhor das hipóteses não tem sido uniforme. Existem alternativas? As experiências de países avançados com aprendizados e estágios formais, que fornecem uma “experiência de trabalho estruturada”, servem de lição aos países de renda média que estão desenvolvendo rapidamente um setor

moderno assalariado. Em outros países, os aprendizados tradicionais em firmas do setor informal são mais comuns, e os incentivos podem ser usados para melhorar a qualidade e estimular inovações, como o programa Jua Kali no Quênia (Capítulo 4).

Outra opção para os jovens é o emprego autônomo. Alguns são empresários por necessidade, outros por oportunidade. Ambos enfrentam restrições impostas pela idade, tais como o acesso ao capital e às redes de negócios. Programas para fornecer capital semente para gerar financiamento e contatos tiveram início na América Latina.

A mobilidade geográfica também amplia oportunidades e os jovens são uma parcela desproporcionalmente grande do total de migrantes, tanto para áreas urbanas quanto para outros países. Na China, 118 milhões de moradores da zona rural buscaram emprego fora da respectiva cidade natal e, devido ao aumento da produtividade nas zonas rurais, isso não reduziu significativamente a produção agrícola. Mas os migrantes não têm o mesmo acesso a serviços sociais de que os que dispõem de uma autorização para residir na zona urbana. Tampouco usufruem de todos os benefícios de previdência social e rede de segurança, gerando pressões sociais. As políticas que facilitam a transição para cidades e entre fronteiras, como aquelas que reconhecem os direitos dos migrantes, seriam eficientes e equitativas como as que estão sendo

introduzidas hoje na China.

Os jovens representam uma grande parcela dos migrantes internacionais do mundo inteiro. A migração amplia as oportunidades de trabalho (Capítulo 8). Também aumenta as opções de ensino, especialmente de ensino superior. As oportunidades de ensino superior na cidade natal também podem ser ampliadas graças às remessas de pais migrantes ou outros parentes. As medidas dos países doadores e beneficiários asseguram essas oportunidades aos migrantes (Box 3).

Participar da vida civil – aumentar a participação dos jovens na política e prestação de serviços

As oportunidades de serem reconhecidos e ouvidos como cidadãos e de serem incluídos em iniciativas comunitárias são importantes para a prestação de serviços que afetam diretamente a população jovem. O *Relatório sobre o desenvolvimento mundial 2004*²⁵ denominou essa integração de “poder do cliente”. Argumentando que ela pode tornar os fornecedores mais sensíveis em relação àqueles que interessam – os beneficiários. A voz também é importante porque a disposição da população jovem para a questão da cidadania tende a ser durável e a participação na juventude é um bom prognóstico de capacidade e disposição para futuras contratações. De que forma os governos podem dar mais destaque à opinião dos jovens sem se sentirem ameaçados?

“Temos apenas a condição de observador quando as coisas são decididas nesta comunidade.”

Jovem,
Distrito de Bonthe, Serra Leoa
Fevereiro de 2006

BOX 3 Migração internacional oferece oportunidades e riscos aos jovens

A probabilidade de migrar para outro país intensifica-se no fim da adolescência e início da idade adulta (ver figura), portanto, os jovens compõem uma parcela desproporcional do total global de migrantes – e também uma grande parcela dos migrantes que retornam à sua região. Cerca de um terço do fluxo de migrantes de todos os países em desenvolvimento tem de 12 a 24 anos e metade dos migrantes tem de 12 a 29 anos. Há excesso de jovens nos países em desenvolvimento e o envelhecimento da população da maioria dos países desenvolvidos aumentará a demanda de migração nos próximos anos. Mesmo assim, grande parte da demanda por migração legal de jovens não é atendida e, em alguns países, de 50 a 90% dos jovens revelaram que migrariam, de modo geral temporariamente, se tivessem oportunidade. Portanto, os jovens são mais propensos a recorrer à migração ilegal e a se tornar vítimas do tráfico do que os grupos de idade avançada.

A migração de jovens tem grandes efeitos diretos no crescimento econômico e na redução da pobreza por meio de remessas e do retorno de migrantes com novas aptidões adquiridas no exterior. Pode ser, portanto, uma maneira

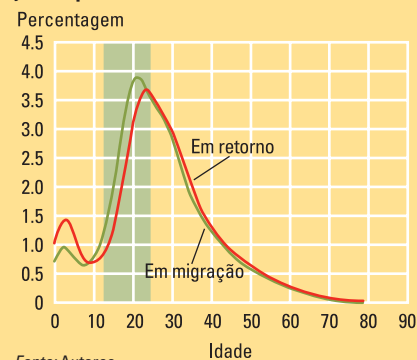
importante de os jovens usarem e desenvolverem seu capital humano para ajudar a reduzir a pobreza em seus países. Uma forma dos países desenvolvidos contribuir para o desenvolvimento seria reduzindo as restrições à imigração de trabalhadores temporários. Para maximizar os impactos do desenvolvimento, os países em desenvolvimento necessitam de políticas que:

- aumentem os benefícios dos migrantes jovens existentes, tais como a redução dos custos de remessa, o acesso a financiamentos e, para os migrantes que retornam, o reconhecimento das aptidões adquiridas no exterior;
- ampliem as oportunidades para que outros jovens possam migrar por meio da redução dos custos para emissão de passaporte, eliminação de restrições legais à emigração e desenvolvimento de acordos de trabalho bilaterais ativos;
- atenuem os riscos que envolvem a migração por meio de campanhas de informação para redução do tráfico e controle de doenças infecciosas, bem como pela ampliação de oportunidades de trabalho no país de origem;

- facilitem o retorno dos migrantes que adquiram experiência útil no exterior com a melhoria do clima de investimentos no país de origem.

Fonte: Autores.

Mexicanos migram jovens e retornam jovens para o México



Fonte: Autores.

Para a maioria dos jovens, a consulta e o reconhecimento diretos por meio da participação em decisões políticas e implementação dessas políticas podem ser mais importantes do que, digamos, votar. Tais oportunidades incluem não somente canais patrocinados pelo Estado, mas também organizações sociais e civis, tais como associações rurais na África Ocidental (*kafoolu*), escolas de samba e clubes esportivos no Brasil, e clubes 4-H e escoteiros em todas as partes. O serviço nacional, seja militar ou civil, é outro canal que os países têm explorado para participação ativa. Os programas bem-sucedidos de serviço à juventude enfatizam a flexibilidade, colaboração dos jovens, responsabilização e autonomia organizacional dos jovens em sua formulação (Capítulo 7).

Geralmente, os jovens têm mais oportunidades de serem ouvidos e de terem um impacto direto maior nos ambientes locais. No Ceará, Brasil, os jovens tiveram a oportunidade de examinar o orçamento do Estado e identificar iniciativas que não constavam anteriormente da agenda. O efeito da ampliação dessas oportunidades não é simplesmente assegurar estabilidade – geralmente é uma forma de obter melhores resultados. Também é uma ótima maneira de adquirir experiência na tomada de decisões.

Políticas que desenvolvem capacidades: jovens como formuladores de decisões

A segunda ótica jovem enfatiza a necessidade de ajudar a população jovem a escolher as oportunidades de forma criteriosa. Quando os jovens entram na adolescência, as decisões mais importantes de sua vida são tomadas

pelos pais e mais velhos da família. À medida que eles mesmos ficam mais velhos, passam a tomar as próprias decisões. A rapidez da mudança varia enormemente para as diferentes transições. Em algumas sociedades, a transição é realizada cedo. Em muitas outras, a transição é feita somente para algumas decisões – e quando estão com mais idade. Para alguns jovens, como é o caso das mulheres jovens de sociedades tradicionais onde a tomada de decisões é transferida dos pais para os maridos, a independência nunca chega.

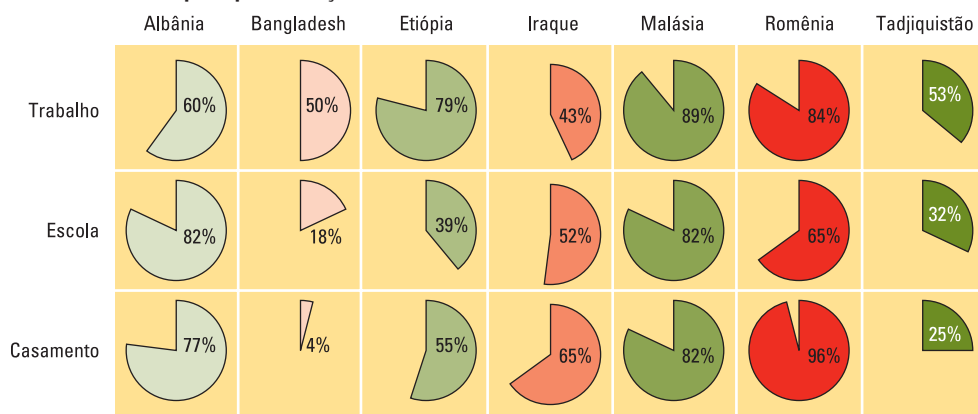
Essas diferenças foram bem ilustradas em uma pesquisa internacional com mulheres de 15 a 24 anos que pergunta quem teve mais influência nas decisões sobre casamento, educação e ocupação (Figura 11). Pouquíssimas jovens de Bangladesh acreditam ter tido influência nas decisões sobre sua educação ou casamento. Em contrapartida, as jovens da Albânia, Malásia e Romênia sentem-se consideravelmente empoderadas para tomar as próprias decisões. Entre as jovens etíopes, iraquianas e tadjiquistanesas as respostas foram equilibradas. Os resultados dos rapazes refletem essas proporções com poucas exceções (Capítulo 2). Os homens jovens iraquianos acham que têm menos controle com relação a trabalho e educação do que as mulheres; os jovens do sexo masculino de Bangladesh acham que têm consideravelmente mais controle do que as jovens com relação a trabalho e casamento, mas não com relação à educação.

Mesmo que não seja uma independência total, jovens do mundo inteiro tomam decisões importantes que podem afetar sua vida no futuro, mesmo em comunidades aparentemente limitadas por tradições. Os jovens concluintes do ensino primário podem obe-

“[A] maioria dos jovens da Geórgia agora percebe que o fator-chave . . . para encontrar empregos adequados está neles mesmos.”

Jovem,
Tbilisi, Geórgia
Dezembro de 2005

Figura 11 De quem é a última palavra? A percentagem de mulheres jovens (15 a 24 anos) que acreditam ter mais influência nas principais transições da vida varia enormemente entre as várias sociedades



Fonte: WDR 2007 Pesquisas InterMedia.

Nota: A figura mostra a percentagem de pessoas de 15 a 24 anos que responderam “eu mesmo” (em vez de meus pais, o governo ou outros) à pergunta: “No que diz respeito à cada uma de suas transições – ocupação atual ou mais recente, educação e casamento – quem teve mais influência?”

dientemente se matricular no ensino secundário para agradar os pais, mas os próprios esforços serão importantes para alcançar o sucesso. É possível proibir por lei que jovens casais se casem muito jovens, mas eles ainda podem manter relações sexuais que podem resultar em gestações indesejadas. Ou seja, eles estão exercitando sua “agência”, definido pelos cientistas sociais como a capacidade dos jovens de definir as próprias metas e agir de acordo com elas.²⁶

A agência precisa ser reconhecida. Isso pode ser tão simples quanto assegurar que os jovens tenham identidade legal, incluindo a documentação básica geralmente crucial para acessar serviços básicos. Mas por si só o reconhecimento não é suficiente – a agência deve ser informada, dotada de recursos e responsável. Ou seja, se for para ajudar os jovens a aproveitar as oportunidades existentes, que seja de modo “capaz”. O que determina essa capacidade? Acesso a informações, domínio de recursos reais e capacidade de processar e agir de acordo com as informações. As políticas podem ajudar em todas as três.

Informar os jovens

Os jovens sabem muito. Como eles são, em média, mais instruídos do que as gerações anteriores, as taxas de alfabetização entre os jovens são bem mais altas. Eles também são os mais freqüentes usuários de uma das maiores fontes de informações disponíveis atualmente – a Internet (Capítulo 8). Contudo, há muito mais para saber e a base de conhecimentos dos jovens para informar sobre decisões-chave relacionadas a investimento de capital humano e comportamento de aceitação de risco é geralmente deficiente. Não podemos esquecer dos baixos índices de conhecimento sobre o uso de preservativos entre mulheres jovens na África, mesmo aquelas que são instruídas (ver Box 2). Uma pesquisa com jovens vietnamitas instruídos ou bem informados, com idades entre 14 e 25 anos, realizada em 2003, indicou que menos de 60% dos jovens da zona rural ouviu falar em sífilis ou gonorréia.²⁷ Em um país onde acidentes de trânsito são a principal causa de morte e lesões graves entre jovens de 15 a 19 anos e onde mais de 70% da população jovem usa a motocicleta como meio de transporte, somente um quarto usa capacete – muitos simplesmente não estão convencidos a respeito de seu valor protetor. O que pode ser feito para informar melhor os jovens sobre os benefícios e custos do investimento em capital humano? Intervenções bem-sucedidas usam escolas, assim

como os amplos meios de comunicação, melhoram o conteúdo das campanhas contra a disseminação e exploram novas tecnologias.

Melhorar o currículo que já está sendo adotado nas escolas e as informações sobre as escolas. Ensinar nas escolas as habilidades necessárias para a vida é a forma mais segura de desenvolver a capacidade dos jovens. Isso vai além das aptidões necessárias para a educação e o trabalho realizados no futuro. Os programas de educação em saúde reprodutiva podem ampliar o conhecimento e a adoção de um comportamento sexual seguro.²⁸ Uma intervenção em educação sexual orientada para as escolas no Quênia – fornecimento de informações específicas para garotas, tais como a prevalência de infecções por HIV entre homens mais velhos – reduziu o número de gestações (Capítulo 5). E não há evidências de que a educação sexual incentive a atividade sexual entre os jovens.

Contudo, não basta intervir nas escolas, uma vez que boa parte dos jovens de países em desenvolvimento abandonam a escola. Isso geralmente acontece em decorrência da pobreza, mas também porque os jovens não conhecem os benefícios da permanência na escola. Na República Dominicana, o simples fato de falar com os garotos sobre os verdadeiros benefícios da educação, uma intervenção razoavelmente barata, contribuiu para aumentar o número de concluintes do ensino secundário (Box 4).

Examinar as opções fora das escolas. Qual a melhor forma de lidar com aqueles que abandonaram a escola ou nunca buscaram educação? O êxito da contenção da disseminação do HIV/AIDS no Camboja e na Tailândia está associado a campanhas informativas estruturadas por meio da mídia e de provedores de informação.²⁹

Embora seja difícil determinar se uma campanha produz os efeitos desejados em virtude de muitas outras influências, alguns estudos rigorosos tentaram resolver o problema de atribuição. O programa *Better Life Options* fornece uma combinação de vários serviços para mulheres jovens (de 12 a 20 anos) que vivem em favelas periurbanas e zonas rurais na Índia. Divulga informações sobre serviços de saúde reprodutiva, fornece formação profissional e promove o empoderamento de mulheres por meio de eventos recreativos e divulgação de materiais informativos. Uma análise multivariada indica que aqueles que participam do programa passam

a se envolver mais com as principais decisões da vida – tais como despesas domésticas, quando casar e se deviam continuar os estudos – do que aqueles que não participaram.³⁰

Reunir informações do mundo inteiro por meio de novas tecnologias, tais como a Internet, para transmiti-las aos jovens. Um melhor clima de investimento privado em tecnologia é importante para os jovens. Como são particularmente inclinados a usar modos comunitários de acesso, tais como cyber cafés, ajudaria se houvesse leis governamentais para facilitar a entrada de firmas nesses setores. Na Argélia, uma reforma no processo de licenciamento tornando mais acessível obter autorização para prestar serviços de Internet levou a uma explosão de cyber cafés de 1998 a 2000 (Capítulo 8). Contudo, como boa parte das informações na Internet estariam em um idioma estrangeiro, são necessários esforços para introduzir o conteúdo local. Muitos jovens também necessitam de orientação sobre como evitar os riscos associados ao uso da Internet e aprender como encontrar informações confiáveis em meio ao enorme conteúdo disponível.

Melhorar o fornecimento e gestão de informações para garantir que o conteúdo a ser ensinado seja corretamente ensinado. Aqueles que se fazem passar por instrutores costumam apresentar eles próprios uma formação deficiente. Lidar com isso nos países em desenvolvimento requer formação para os instrutores e melhoria de incentivos. Os serviços de orientação profissional destinado a escolas mostram sinais promissores no Chile, Filipinas, Polônia, Romênia, Federação Russa, África do Sul e Turquia. Uma conclusão coerente observada é o fato de o sucesso depender das informações disponíveis aos orientadores (Capítulo 3).

As conseqüências de conclusões mal informadas, devido ao “ruído” no fluxo de informações, podem ser profundas. Muitos estudos revelam que os jovens tendem a superestimar a quantidade de atividade sexual e outros comportamentos de alto risco na população, pressionando-os a agir dessa forma (Capítulo 5). Em muitas sociedades, especialmente enquanto os jovens buscam sua identidade, os colegas podem ter ao menos tanta influência sobre as decisões quanto as famílias e as escolas. Portanto, a informação fornecida a um jovem pode ter efeito sobre vários outros. Os programas começaram a incluir os jovens como provedores de serviços em meio período, tais como o Ministério da Saúde da

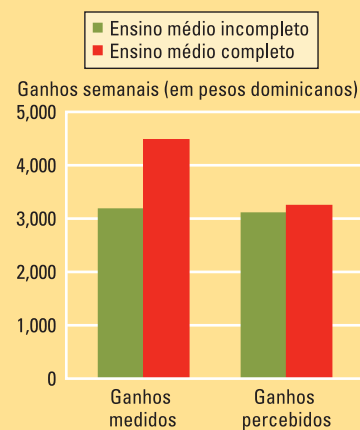
BOX 4 Sabendo o que é bom para você: Falar com os garotos sobre os benefícios da escola pode afetar os resultados.

Os garotos sabem o valor da escolaridade? Nem sempre. Na República Dominicana, uma pesquisa realizada em 2001 com garotos matriculados no último ano da escola primária comparou os ganhos percebidos por terem permanecido na escola com os ganhos reais em termos de diferenças de perfis de ganhos resultantes da idade. A pesquisa concluiu que eles estimaram com exatidão os ganhos de concluir o primeiro grau (mas sem concluir o segundo) em consonância com os perfis estimados de ganhos. Contudo, eles definitivamente subestimavam os ganhos de concluir o segundo grau. Os ganhos médios reais estimados (nas pesquisas) entre a conclusão primária e a secundária, em cerca de 1.300 pesos dominicanos (aproximadamente US\$200), foram 10 vezes o ganho percebido de 140 pesos dominicanos (cerca de US\$21) (figura). As diferenças foram mais pronunciadas para os jovens de domicílios mais pobres.

Alguns alunos de escolas selecionadas aleatoriamente receberam informações sobre os perfis estimados de ganhos reais. Pesquisas de acompanhamento em 2005 indicam que os jovens que receberam informações apresentaram maior probabilidade

(12%) de continuar na escola do que aqueles que não receberam informações.

Os ganhos reais estimados pela conclusão do segundo grau na República Dominicana foram mais elevados do que os ganhos percebidos



Fonte: Jensen (2006).

Jamaica, que incentivou o aprendizado entre colegas no combate ao HIV/AIDS.

Ajudar os jovens a dominar recursos

Como os jovens estão apenas começando a ser financeiramente independentes, é normal que enfrentem mais restrições sobre decisões relacionadas a consumo e investimento. Na verdade, um dos motivos pelo qual os jovens estão saindo de casa cada vez mais tarde, até mesmo em países ricos, é o fato de dependerem da família para se equilibrarem economicamente. Para os jovens de famílias pobres, ou para aqueles que por algum motivo (orfandade, famílias desfeitas) não podem mais contar com os recursos da família, o resultado pode ser um duro começo rumo à subsistência sustentável – e para as jovens uma difícil posição de negociação no contexto familiar, especialmente com relação ao casamento e à maternidade.

Optar por investir em aptidões apresenta custos substanciais aos jovens. As despesas diárias tendem a variar – para a metade dos universitários em universidades privadas da Argentina, Brasil, Chile e Colômbia, elas variam de 30% a 100% do PIB per capita.³¹ Mesmo para estudantes de universidades

“Minha situação é difícil; não posso ir à escola porque sou o principal arrimo da minha família. Nas áreas rurais, não temos chances de estudar após o horário das aulas... Não passei no exame para a universidade.”

Dang, 25 anos,
Bac Can, Vietnã
Maio de 2006

“Na minha área, se você passa no exame vestibular para a universidade, continua a estudar lá. Se não passa, entra para o exército ou fica em casa para criar búfalos.”

Hoang (amigo de Dang),
Bac Can, Vietnã
Maio de 2006

públicas os custos de oportunidade são substanciais. Devido às grandes compensações pessoais da educação superior, esses custos não seriam uma restrição inerente se a liquidez não fosse um problema. Mas é. Um estudo recente realizado no México concluiu que os domicílios são menos propensos a mandar os filhos para a universidade quando a renda declina temporariamente, mesmo que sua renda permanente de longo prazo permaneça inalterada.³²

A melhor forma de eliminar essa restrição é fornecer crédito. Como os estudantes mais pobres não têm acesso aos empréstimos comerciais, uma vez que não dispõem de garantias adicionais ou dos pais para apoiá-los, esses esquemas de crédito podem não funcionar de forma eficaz para estudantes sem o apoio do governo. Além disso, a pressão que os jovens sofrem para começar a trabalhar já é suficientemente grande sem que tenham de pagar uma dívida cujo valor é muito maior do que seus ganhos iniciais. E muitas instituições públicas consideram difícil administrar esses esquemas de crédito devido às baixas taxas de amortização, especialmente porque há muitos jovens desempregados. A Austrália lançou um sistema que torna a amortização contingente às rendas dos graduados, enquanto forem acompanhadas por meio de sistemas tributários. Os países de renda média, como a Tailândia estão começando agora a experimentar tais esquemas que merecem ser monitorados e avaliados. Em países com sistemas tributários precários, alternativas como vales escolares direcionados e contas individuais de aprendizado, que incentivam a poupança, podem produzir melhor resultado (Capítulo 3).

Nos países mais pobres, a restrição de renda é imposta até mesmo no ensino secundário. Como os pais são a principal fonte de

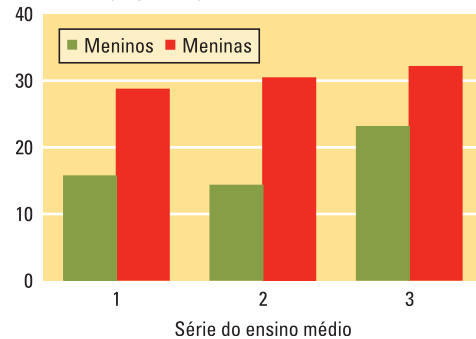
sustento dos jovens nessa idade, alguns subsídios para incentivar a matrícula nas escolas visam o domicílio, mas as transferências são condicionadas aos resultados obtidos pelos jovens. O programa Oportunidades do México oferece tal incentivo proporcionando transferências maiores aos domicílios se jovens do sexo feminino (em oposição aos do sexo masculino) permanecerem na escola. Nas áreas rurais, a matrícula de garotas em todos os três anos do ensino médio apresentou um aumento maior do que a matrícula de garotos (Figura 12).

Alguns programas inovadores canalizaram subsídios diretamente para os estudantes, especialmente para as garotas – em parte como uma espécie de estímulo ao bom desempenho na escola, mas também para assegurar que elas próprias tomem a decisão de freqüentar a escola, evitando preconceitos relacionados à idade avançada contra a escolarização de garotas. O Programa *Female Secondary Stipend Assistance* (Assistência ao Pagamento de Matrículas de Alunas do Segundo Grau) de Bangladesh (FSSAP) visa a garotas de 11 a 14 anos, transferindo um pagamento mensal para contas bancárias em nome das garotas, desde que permaneçam descasadas e tenham desempenho suficientemente bom para serem aprovadas na escola (Capítulo 6). Esse programa ainda precisa ser rigorosamente avaliado, mas tem sido associado ao grande aumento de matrículas de garotas nas escolas de Bangladesh.³³ Tais esquemas de incentivo podem funcionar muito bem se obrigarem o fornecedor a aumentar somente a quantidade e não a qualidade. Preocupações a respeito dos resultados do aprendizado na primeira rodada do FSSAP estão sendo abordadas em programas posteriores.

Tais programas fazem mais do que ajudar garotas a freqüentar a escola. Destacam também o papel dos recursos na melhoria da capacidade de mulheres jovens como agentes de tomada de decisão na família. Alguns casamentos prematuros são arranjados mais pela vontade das famílias e dos pais do que pela vontade do jovem casal. Embora muitos casamentos sejam bem-sucedidos, ainda existem arranjos ultrajantes e ilegais em quase todos os países, tais como alguns pais que casam suas filhas, algumas com menos de 12 anos, com homens mais velhos em troca do cancelamento de uma dívida. As mulheres jovens de baixa renda também são mais propensas a ceder à pressão de aceitar dinheiro ou mercadorias em troca de sexo, aumentando o risco de infecções sexualmente transmis-

Figura 12 Compensa freqüentar a escola

Aumento do percentual de matrículas no ensino médio como resultado do programa Oportunidades do México de 1997 a 2001



Fonte: Parker (2003).

síveis. Ajudá-las a ganhar um sustento ou proporcionar-lhes crédito e poupança pode empoderá-las para resistir à pressão de adotar um comportamento que coloque a saúde em risco (Capítulo 6).

Os jovens, incapazes de ganhar a vida trabalhando para outras pessoas, geralmente trabalham por conta própria. Alguns buscam oportunidades voluntariamente, outros o fazem por necessidade – mas a barreira econômica é comum a todos. Precisa-se gastar dinheiro para ganhar dinheiro. Os jovens, mesmo se tiverem as perspectivas mais otimistas, não dispõem de história creditícia, são inexperientes e não podem oferecer garantias para tomar empréstimos a fim de arranjar uma forma de sustento. Outros programas tentam agora ajudar esses jovens empreendedores, mas ainda precisam ser rigorosamente avaliados. As primeiras lições dos programas Empreendimentos na América Latina, que proporcionam financiamento e assistência técnica aos jovens, são promissoras (Capítulo 4).

Aumentar a capacidade de decidir corretamente

Os jovens, uma vez dotados de recursos e informados, ainda precisam filtrar e avaliar as informações – boa parte fornecida pela Internet – e considerar as conseqüências de suas ações. Avaliar informações e agir de acordo com essa avaliação é bastante difícil até mesmo para os mais confiantes. Para muitos jovens, é mais complicado, porque ainda estão buscando sua identidade. O processo de autoconhecimento de uma pessoa tem sido usado por alguns economistas para explicar atos aparentemente irracionais que colocam o capital humano em risco, incluindo a tendência dos jovens para adotar um comportamento de risco, tais como entrar para gangues com tendências violentas, apesar das baixas recompensas econômicas esperadas desse tipo de atividade (Capítulo 2).

A capacidade de processar informações começa a ser desenvolvida cedo na escola. Mas muitos sistemas educacionais falham, porque enfatizam a memorização de fatos. Poucos enfatizam aptidões comportamentais e de raciocínio – motivação, persistência, cooperação, formação de equipe, capacidade para gerenciar riscos e conflitos – que ajudam as pessoas a processar informações e tomar decisões sensatas e informadas. Esses programas têm sido bem testados em ambientes de países desenvolvidos, tais como a Holanda e os Estados Unidos, e estão começando agora a ser experimentados também nos países em

desenvolvimento (Capítulo 3).

Às vezes, mudar atitudes requer a mudança do ambiente de aprendizado – frustrar práticas arraigadas, algumas nem mesmo reconhecidas, que canalizam o comportamento. Uma pesquisa em escolas secundárias na Tailândia indica que garotas que estudam em ambientes exclusivos para jovens do sexo feminino apresentam melhores resultados em matemática e desenvolvem mais aptidões de liderança do que em ambientes mistos, uma descoberta coerente com a pesquisa feita nos países desenvolvidos.³⁴ Outro exemplo inclui os programas de formação profissional em domicílio nos EUA, que permitem aos participantes evitar interações no próprio bairro desfavorecido, desenvolvendo assim sua autoimagem. Os programas são mais bem-sucedidos do que aqueles que tentam economizar dinheiro sem oferecer o componente mais caro do domicílio.³⁵

A tomada da decisão correta também pode ser influenciada por incentivos, especialmente se o jovem não levar em conta os efeitos sobre os outros (ou sobre eles mesmos no longo prazo) – mesmo que eles tenham recebido informações e saibam como decidir por conta própria. Na Indonésia, estima-se que o aumento no preço dos cigarros afete o consumo para os jovens mais do que para os adultos, uma conclusão coerente com a dos países ricos.³⁶ Por outro lado, a proibição de propagandas de cigarro e bebida alcoólica e a determinação de uma idade mínima para beber tendem a aumentar o “preço” desses comportamentos, mas o impacto tende a ser menor.

Políticas para oferecer segundas oportunidades

Ampliar oportunidades acessíveis aos jovens e ajudá-los a selecioná-las de forma sensata são as prioridades, especialmente porque remediar sai caro. Mesmo assim muitos não podem aproveitar essas oportunidades, mesmo se forem oferecidas. O que pode ser feito pela jovem de 19 anos cujos pais de baixa renda a tiram da escola aos 9 anos de idade? Ou pelo seu irmão jovem que ainda está na escola primária? E o que fazer pelo jovem de 23 anos desempregado que acabou de formar uma família, mas nunca aprendeu um ofício porque nunca arrumou emprego no setor formal? Ou o pequeno batedor de carteira encarcerado em uma prisão para adultos com criminosos inveterados? Quais são as opções para aqueles que não tiveram sorte na vida?

Alguns jovens têm resultados indesejados

“[Muitos] dos meus conhecidos [que] encontrei durante alguma fase da minha vida... estão mortos, na prisão ou ficaram aleijados. Marcos [um jovem ativista] me apresentou ao movimento [dando uma segunda oportunidade]... Participei das reuniões, conheci as pessoas... Começamos a ficar integrados como uma comunidade, desenvolver uma consciência... sair do comércio de drogas.”

Bruno, 21 anos,
Ceará, Brasil
Maio de 2006

porque suas oportunidades foram restritas – outros porque escolheram o caminho errado. Mais da metade das infecções por HIV/AIDS ocorrem entre jovens com menos de 25 anos, na maior parte dos casos devido ao comportamento sexual voluntário ou uso de drogas injetáveis (Capítulo 5). Metade dos assassinatos e crimes violentos na Jamaica é cometido por homens jovens de 18 a 25 anos, que constituem 10% da população.³⁷ Esse resultado não chega a ser surpreendente, pois as pesquisas comportamentais mostram que os jovens são menos avessos ao risco do que as pessoas mais velhas³⁸ e a atividade criminosa é um negócio arriscado.

As políticas que ajudam os jovens a se recuperar de resultados negativos podem oferecer uma rede de segurança e beneficiar a sociedade no futuro. Citadas neste Relatório como segundas oportunidades, elas devem ser bem planejadas, bem direcionadas e coordenadas e fornecer os incentivos corretos aos beneficiários.

Direcionamento de programas com perspicácia

Devido ao alto custo dos programas de segunda oportunidade, é importante direcioná-los aos jovens mais necessitados de uma rede de segurança, como órfãos e jovens provenientes de famílias muito pobres. As intervenções que utilizam testes de recursos, direcionamento geográfico e auto-seleção são todas associadas à obtenção de uma parcela maior dos benefícios para os dois quintis inferiores da população.

Além de evitar erros de inclusão (fornecendo subsídios aos que não necessitam), é importante evitar erros de exclusão, deixando de lado os jovens que precisam ser alcançados. Aplica-se isso principalmente aos riscos à saúde, uma vez que alguns comportamentos de risco talvez não tenham um impacto visível e imediato sobre a saúde. Mais de 100 milhões de jovens sofrem de infecções sexualmente transmissíveis (STIs), inclusive o HIV, todos os anos. Algumas infecções são facilmente tratadas quando identificadas com antecedência. Muitas, porém, passam despercebidas, principalmente quando os sintomas iniciais são moderados. Na África do Sul, muitos serviços de saúde reprodutiva não são facilmente acessíveis aos jovens; quando ocorre o acesso, estes sentem que as pessoas responsáveis por tais serviços são preconceituosas e hostis. Não é de surpreender, portanto, que as pessoas que contraem STIs preferam procurar curandeiros tradicionais, em vez de serviços formais de baixa qualidade

e alto custo. Na Nigéria, o fornecimento aos estudantes de informação sobre STIs e o treinamento de farmacêuticos e médicos particulares no tratamento de STIs em adolescentes provocaram um aumento na utilização dos serviços de STIs entre estudantes com experiência sexual e reduziu a incidência de STIs (Capítulo 5).

Integração de programas de segunda oportunidade com programas de incorporação

Os países têm programas que tentam aliviar os efeitos de resultados indesejáveis de desenvolvimento humano para os jovens: programas de reabilitação de jovens, programas de tratamento para pessoas infectadas com doenças transmissíveis e programas de recapitação de desistentes. Muitos são pequenos e desvinculados uns dos outros, colocando em risco programas paralelos muito caros. E pior, podem não permitir reingresso nos programas de incorporação.

A coordenação é o ponto principal. Uma equivalência graduada, por exemplo, permite que os desistentes freqüentem as aulas para obter com o tempo o equivalente a um diploma de primeiro ou de segundo grau. Mesmo sem o certificado de papel, a obtenção das aptidões equivalentes já ajudaria. O Programa Educacional para Crianças Desprivilegiadas (UCEP) de Bangladesh ajuda jovens de 10 a 16 anos que desistiram da escola de primeiro grau; a meta é educá-los por três anos e direcioná-los a programas profissionais orientados pelo UCEP. Os estudos mostram que o UCEP, que atendeu a 36.000 alunos em 2002, tem custos por aluno quase equivalentes aos custos do sistema escolar regular (em torno de US\$20 por ano). No ensino de terceiro grau, o sistema de universidades comunitárias nos Estados Unidos, desenvolvido originalmente para fornecer uma segunda oportunidade aos adultos, está agora cada vez mais sendo usado como um programa de segunda oportunidade por jovens graduados do segundo grau, ou seja, 75% de todos os alunos freqüentam universidades comunitárias de tipo supletivo.

Os programas de incorporação devem ser flexíveis para que os erros não se transformem logo de início em obrigações permanentes. Alguns países têm alunos com até 10 anos em diferentes escolas profissionalizantes, enquanto outros mantêm as escolas de forma abrangente. Um estudo recente em 18 países, que compara o desempenho desses alunos em testes internacionais padronizados no nível secundário, concluiu que um acom-

panhamento desde o início não só aumenta a desigualdade na educação (não existe alcance apesar da segregação), como também pode diminuir o desempenho.³⁹

Reabilitação com responsabilidade

A reabilitação é bastante dispendiosa, mas os desfechos são os melhores possíveis para os jovens que ainda têm uma vida inteira de produtividade em potencial à sua frente. Para aqueles que cometem crimes quando jovens, é preciso que enfrentem as conseqüências de seus atos sem serem forçados a perder a esperança. Muitos desses jovens, alguns com delitos relativamente pequenos, outros simplesmente sem teto, são geralmente encarcerados juntamente com criminosos perigosos. Nos Estados Unidos, onde mais de 10.000 jovens são alojados em instalações de adultos, condições mais severas de prisão são associadas a índices ainda maiores de reincidência (Capítulo 7). A lição geral é que as conseqüências devem ser coerentes com a gravidade do crime e os programas devem facilitar a reintegração desses jovens em papéis saudáveis e produtivos na sociedade.

Algumas intervenções (Capítulo 7) têm ultrapassado a capacidade limitada dos sistemas legais, como o programa Justiça sobre Rodas nas Filipinas, onde os juizes viajam até os locais correccionais por todo o país para acelerar o processo de julgamento. Como uma alternativa à justiça *retributiva* tradicional, mais de 80 países têm programas de justiça *recuperadora* que promovem a reabilitação. Os programas oferecem às vítimas oportunidades de se reunir e acordar um plano de restituição. O mais famoso é o Programa Verdade e Reconciliação instituído na África do Sul após o *apartheid*.

Os jovens envolvem-se em conflitos em todas as partes do mundo: segundo estimativas, 300.000 jovens menores de 18 anos estão agora ou estiveram recentemente envolvidos em um conflito armado e outros 500.000 foram recrutados em forças militares ou paramilitares.⁴⁰ A experiência com programas de desarmamento, desmobilização e reabilitação mostra que é possível para os jovens combatentes reconstruir sua vida em tempo de paz. É evidente que os ex-combatentes necessitam de treinamento profissionalizante para prepará-los para a vida pós-conflito, mas também precisam de apoio médico e psicossocial para vencer os traumas sofridos. Já as ex-combatentes podem ter algumas necessidades diferentes que talvez não possam ser atendidas por programas destinados a soldados do sexo masculino.

Qualquer programa de remediação con-

fronta-se com o que os economistas denominam de perigo moral. Se alguém sabe que as conseqüências de comportamento de tomada de risco são mitigadas por um programa público ou por seguro, essa pessoa talvez se envolva em assumir mais riscos do que o justificado. Alguns demonstram medo de que a disponibilidade do tratamento anti-retroviral possa levar os jovens a tomar precauções a menos. Na verdade, no Quênia o uso da camisinha diminuiu depois de o governo anunciar “curas” divulgadas no combate à AIDS.⁴¹ A solução não é negar uma segunda oportunidade sob a forma de tratamento, o que seria antiético e uma perda de tempo. Ao contrário, a solução é a criação de incentivos que estimulem a continuidade da prestação de cuidados, mesmo quando as pessoas estiverem sob tratamento. Os programas que aumentam a capacidade e a segunda oportunidade têm mais probabilidade de darem certo.

Esse conceito é bem ilustrado em programas de treinamento profissional para jovens fora da escola. Em diferentes ambientes em vários países, os programas tendem a não aprovar testes de custo-benefício. Contudo, quando o treinamento é proporcionado como parte de um pacote abrangente que oferece aos beneficiários os incentivos e as informações para encontrar empregos, tais como serviços de emprego, orientação e treinamento profissionalizante para a vida diária, eles apresentam resultados bem melhores. Os programas de jovens na América Latina, direcionados para o treinamento de jovens desfavorecidos de 16 a 29 anos, podem ter efeitos importantes em termos de empregabilidade e remuneração. O treinamento também pode ser dispendioso, mas os custos equiparam-se bem a outros programas de desenvolvimento de capital humano para jovens (Capítulo 4).

Avanço

As amplas instruções de política recomendadas neste relatório, divididas de acordo com a ótica dos jovens sobre oportunidades, capacidades e segundas oportunidades, são resumidas na Tabela 1. Alguns dos procedimentos e programas requerem uma realocação de recursos. Estão aqui incluídas as recomendações referentes à qualidade no desenvolvimento de aptidões básicas de adolescentes e adultos jovens, à medida que os governos se empenham em cumprir as metas quantitativas estabelecidas para crianças. Nos países que já cumpriram suas metas de quantidade e qualidade, a prioridade é expandir o acesso à educação superior de segundo e terceiro graus, principalmente com o estímulo da

“Em relação a ‘os jovens fazendo a diferença nas comunidades’ acho que o valor dos jovens foi subestimado em todos os lugares. Os jovens são excelentes para produzir projetos de desenvolvimento de nível básico com orçamentos mínimos e com muita eficiência. Devido ao fato de estarem envolvidos no nível básico, eles podem implementar facilmente um projeto sem a burocracia das organizações e também porque geralmente têm uma base de custo menor.”

Shasheen, 20 anos,
Austrália
Junho de 2006

ção da pobreza), em vez de serem consideradas como programas independentes dirigidos por ministérios novos sem fundos e com excesso de mandatos, mais eficazes como órgãos de coordenação.

- *Voz mais forte.* A falta de voz dos jovens significa que são um grupo de fraca representação em termos de reforma. Os pais não representam as visões e aspirações dos adultos jovens como o fazem para os filhos menores. Entretanto, os jovens podem sentir falta de oportunidades ou de autoconfiança para representar a si próprios em fóruns públicos. Os jovens precisam ser encorajados a participar mais ativamente da vida pública. Os governos e outros órgãos precisam aprender a se comunicar com eles, a tornar seus programas atrativos e a controlar seus imensos talentos como parceiros na prestação de serviços.
- *Mais avaliação.* A ausência de programas e políticas rigorosamente avaliados para os jovens pode abalar a credibilidade dos mesmos, mesmo no caso de uma maioria promissora. A preparação deste Relatório foi um desafio por causa desta lacuna; estudos como o do Box 5 foram bastante raros. A abordagem dessa lacuna requer a formulação de capacidade do governo e incentivos no uso de critérios baseados em evidências quando se trata de decidir entre programas. Pelo fato de tal conhecimento ser um bem público, também requer financiamento internacional. As políticas e os programas mencionados na Tabela 1 incluem não apenas os rigorosamente avaliados, mas também os que parecem ser promissores com base em julgamentos profissionais. Caso contrário, teria sido na verdade uma tabela repleta de remendos.

Algumas questões levantadas neste Relatório talvez nunca sejam resolvidas. Afinal, há muito tempo os pais vêm reclamado

Notas de fim

* As fontes de todas as citações são consultas realizadas com jovens para este relatório: (Mangiaterra e Vollmer, 2006) www.worldbank.org/consultations, com as seguintes exceções: A citação do rapaz de Marrocos na página 7 (Narayan e Petesch 2006). A citação de Flor de María, Peru, na página 9 (Ensaio dos Finalistas do Concurso Internacional de Ensaio de Jovens 2006, Banco Mundial. www.essaycompetition.org).

1. Essa faixa abrange as pessoas oficialmente reconhecidas pela Organização das Nações Unidas como “jovens”: os que têm de 15 a 24 anos, bem como os vários outros classificados como adolescentes. A faixa mais ampla é necessária para nos permitir discutir as transições desde a puberdade até o trabalho em tempo integral.

2. Banco Mundial (1990 e 2001).

3. Banco Mundial (2005b).

4. Conselho Nacional de Pesquisa e Instituto de Medicina (2005) pág. 73.

5. Acemoglu (2003).

6. Banco Mundial (2005d).

7. Cohen e Bloom (2005).

8. Banco Mundial (2004b). Em um célebre estudo longitudinal das favelas do Rio de Janeiro, a antropóloga Janice Perlman relata que os jovens desses locais receberam mais educação do que seus pais sem, contudo, conseguirem empregos sensivelmente melhores. No final da década de 1960, os pais avisavam os filhos que, se não estudassem, acabariam sendo lixeiros. Em julho de 2003, a cidade abriu concurso para preencher 400 vagas de lixeiro e 12.000 pessoas se inscreveram. O pré-requisito era o diploma de segundo grau [Perlman (2005)].

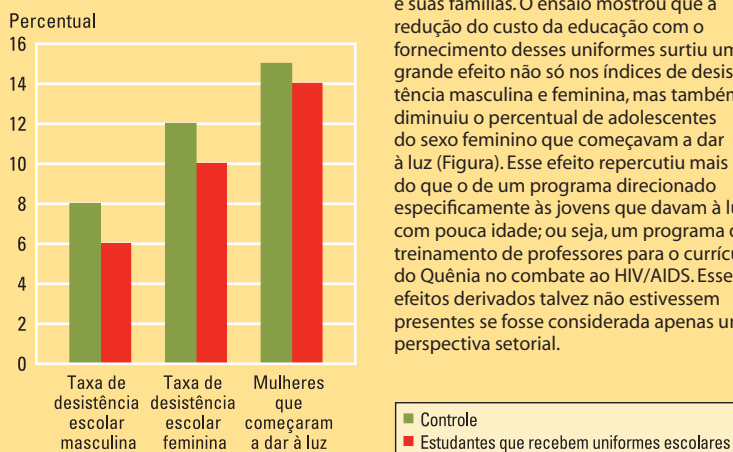
9. Bloom e Canning (2004).

10. Até 2050, quatro em cada 10 pessoas serão oriundas do atual coorte de 12 a 24 anos de idade ou serão seus filhos ou netos. Ver Lam (2006).

BOX 5 *Roupas festivas e um lugar para ir em Bungoma e Butere-Mumias*

O fornecimento de uniformes escolares nos Distritos de Bungoma e Butere-Mumias no Quênia não só reduziu os índices de desistência, como também adiou a hora do parto entre as adolescentes

Um ensaio aleatório recentemente concluído no Quênia analisou um programa multissetorial que proporcionou incentivos a jovens, oferecendo uniformes escolares, uma despesa considerável para os jovens e suas famílias. O ensaio mostrou que a redução do custo da educação com o fornecimento desses uniformes surtiu um grande efeito não só nos índices de desistência masculina e feminina, mas também diminuiu o percentual de adolescentes do sexo feminino que começavam a dar à luz (Figura). Esse efeito repercutiu mais do que o de um programa direcionado especificamente às jovens que davam à luz com pouca idade; ou seja, um programa de treinamento de professores para o currículo do Quênia no combate ao HIV/AIDS. Esses efeitos derivados talvez não estivessem presentes se fosse considerada apenas uma perspectiva setorial.



Fonte: Duflo e outros (2006).

Nota: As diferenças entre os grupos de controle e de tratamento são estatisticamente importantes.

dos filhos adolescentes (e vice-versa). Essas questões fazem parte da maturação humana e estão fora da esfera das economias em desenvolvimento. Mas o Relatório também identifica outras questões sobre o desenvolvimento do capital humano dos jovens, ou seja, questões que, se não forem abordadas, poderão colocar em risco todo o desenvolvimento alcançado. Felizmente, existem inúmeros exemplos de jovens, apoiados por boas políticas e instituições, que, além de lutar e vencer, se têm destacado ao longo do tempo, contribuindo assim para o futuro de todas as gerações.

11. Bell, Devarajan e Gerbasch (2006) pág. 80.
12. Ver Banco Mundial (1993). As estimativas precisas variam, mas cerca de um terço da taxa de crescimento dos tigres asiáticos no período compreendido entre 1960 e 1985 foi atribuído neste estudo a sólidos investimentos somente em educação básica.
13. De Ferranti e outros (2003).
14. Bell e outros (2004), pág. 44.
15. Behrman e outros (2005).
16. Abeyratne (2004).
17. Para uma discussão mais completa, consulte o Box 2.1.
18. UNESCO (2004).
19. Os exemplos incluem os testes: *Trends in International Mathematics and Science Study* (Estudo sobre Tendências Internacionais em Matemática e Ciências) e *Progress in International Reading Literacy Study* (Estudo sobre o Progresso Internacional na Capacidade de Leitura e Escrita).
20. Garces, Thomas e Currie (2000); Glewwe, Jacoby e King (2001); Kagitcibası, Sunar e Bekman (2001).
21. UNESCO (2005).
22. Banco Mundial (2005c).
23. As políticas de sustentação do crescimento são analisadas detidamente em outro trabalho e não são discutidas aqui. Para obter uma análise recente, consulte o Banco Mundial (2005a).
24. Bloom e Canning (2004).
25. Banco Mundial (2003).
26. Kabeer (1999) e Sen (1985).
27. Ministério da Saúde do Vietnã e Escritório-Geral de Estatística, UNICEF e OMS (2005).
28. Cáceres e outros (1994); e Egleeston e outros (2000).
29. Banco Mundial (2004a).
30. Centro para o Desenvolvimento e Análises Populacionais (CEDPA) (2001).
31. De Ferranti e outros (2003) pág. 97.
32. Jacoby e Skoufias (2002).
33. Arends-Kuenning e Amin (2000).
34. Jimenez e Lockheed (1989).
35. Akerlof e Kranton (2000).
36. Gruber e Zinman (2001); e Banco Mundial (2005b).
37. Hahn e Leavitt (2003).
38. Embora a maior parte das pesquisas tenha sido realizada em países desenvolvidos, como a Alemanha, o resultado experimental é sólido em muitos ambientes. Ver Dohmen e outros (2005).
39. Hanushek e Wölßmann (2005).
40. Singer (2005) e Stohl (2001).
41. Jha e outros (2001).

Referência

The word “processed” describes informally reproduced works that may not be commonly available through libraries.

- Abeyratne, Sirimal. 2004. “Economic Roots of Political Conflict: The Case of Sri Lanka.” *World Economy* 27(8):1295–314.
- Acemoglu, Daron. 2003. “Patterns of Skill Premia.” *Review of Economic Studies* 70(2):199–230.
- Akerlof, George, and Rachel Kranton. 2000. “Economics and Identity.” *Quarterly Journal of Economics* 115(3):715–53.
- Arends-Kuenning, Mary, and Sajeda Amin. 2000. “The Effects of Schooling Incentive Programs on Household Resource Allocation in Bangladesh.” New York: Population Council Policy Research Division, Working Paper 133.

- Behrman, Jere R., John Hoddinott, John A. Maluccio, Erica Soler-Hampejsek, Emily Berhman, Reynaldo Martorell, Agnes Qui-sumbing, Manuel Ramirez, and Aryeh D. Stein. 2005. “What Determines Post-school Skills? Impacts of Pre-School, School Years and Post School Experiences in Guatemala.” University of Pennsylvania, International Food Policy Research Institute, Middlebury College, Emory University and INCAP-Guatemala. Philadelphia, P.A. Processed.
- Bell, Clive, Ramona Bruhns, and Hans Gersbach. 2006. “Economic Growth, Education and Aids in Kenya Model: A Long-run Analysis.” Background paper for the WDR 2007.
- Bell, Clive, Shantayanan Devarajan, and Hans Gersbach. 2006. “The Long-run Economic Costs of AIDS: A Model with an Application to South Africa.” *World Bank Economic Review* 20(1):55–89.
- Bell, Clive, Hans Gersbach, Ramona Bruhns, and Dagmar Volker. 2004. “Economic Growth, Human Capital and Population in Kenya in the Time of AIDS: A Long-run Analysis in Historical Perspective.” University of Heidelberg. Heidelberg. Processed.
- Bloom, David E., and David Canning. 2004. “Global Demographic Change: Dimensions and Economic Significance.” Cambridge, Mass.: Harvard Initiative for Global Health Working Paper Series 1. Available on line at http://www.hsph.harvard.edu/pgda/working/working_paper1.pdf.
- Cáceres, Carlos F., Anna M. Rosasco, Jeffrey S. Mandel, and Norman Hearst. 1994. “Evaluating a School-based Intervention for STD/AIDS Prevention in Peru.” *Journal of Adolescent Health* 15(7):582–91.
- Centre for Development and Population Activities (CEDPA). 2001. *Adolescent Girls in India Choose a Better Future: An Impact Assessment*. Washington, D.C.: Center for Development and Population Activities (CEDPA).
- Cohen, Joel, and David E. Bloom. 2005. “Cultivating Minds: Educating All Children is not only Urgent but also Feasible within the Next Few Years.” *Finance and Development* 42(2):8–14.
- De Ferranti, David, Guillermo E. Perry, Indermit Gill, J. Luis Guasch, William F. Maloney, Carolina Sánchez-Páramo, and Norbert Schady. 2003. *Closing the Gap in Education and Technology*. Washington, D.C.: World Bank.
- Dohmen, Thomas, Armin Falk, David Huffman, Uwe Sunde, Jürgen Schupp, and Gert Wagner. 2005. “Five Facts about Risk Attitudes: Evidence from a Large, Representative, Experimentally-Validated Survey.” Institute for the Study of Labor (IZA). Bonn. Processed.
- Duflo, Esther, Pascaline Dupas, Michael Kremer, and Samuel Simeu. 2006. “Education and HIV/AIDS Prevention: Evidence from a Randomized Evaluation in Western Kenya.” Harvard University. Cambridge, Mass. Processed.
- Egleeston, Elizabeth, Jean Jackson, Wesley Rountree, and Zhiying Pan. 2000. “Evaluation of a Sexuality Education Program for Young Adolescents in Jamaica.” *Revista Panamericana de la Salud Publica* 7(2):102–12.
- Fares, Jean, Claudio E. Montenegro, and Peter F. Orazem. 2006. “How are Youth Faring in the Labor Market? Evidence from Around the World.” Background paper for the WDR 2007.
- Garces, Eliana, Duncan Thomas, and Janet Currie. 2000. “Longer Term Effects of Head Start.” Cambridge, Mass.: National Bureau of Economic Research Working Paper Series 8054.

- Glewwe, Paul, Hanan G. Jacoby, and Elizabeth M. King. 2001. "Early Childhood Nutrition and Academic Achievement: A Longitudinal Analysis." *Journal of Public Economics* 81(3):345–68.
- Gruber, Jonathan, and Jonathan Zinman. 2001. "Youth Smoking in the United States: Evidence and Implications." Cambridge, Mass.: National Bureau of Economic Research Working Paper Series 7780.
- Hahn, Andrew, and Tom Leavitt. 2003. *Joined-Up Government. Coordination and Collaboration Opportunities to Strengthen Multi-Sectoral Youth Policy Implementation in Jamaica*. Washington, D.C.: World Bank.
- Hanushek, Eric A., and Ludger Wößmann. 2005. "Does Educational Tracking Affect Performance and Inequality? Differences in Differences Evidence across Countries." Cambridge, Mass.: National Bureau of Economic Research Working Paper Series 11124.
- Jacoby, Hanan G., and Emmanuel Skoufias. 2002. "Financial Constraints on Higher Education: Evidence from Mexico." World Bank and IFPRI. Washington, D.C. Processed.
- Jensen, Robert. 2006. "Do the Perceived Returns to Education Affect Schooling Decisions? Evidence from a Randomized Experiment." John F. Kennedy School of Government, Harvard University. Cambridge, Mass. Processed.
- Jha, Prabhat, Lara M. E. Vaz, Francis A. Plummer, Nico J. D. Nagelkerke, Bridget Willbond, Elizabeth N. Ngugi, Stephen Moses, Grace John, Ruth Nduati, Kelly MacDonald, and Seth Berkley. 2001. "The Evidence Base for Interventions to Prevent HIV Infection in Low and Middle-Income Countries." Geneva: Commission on Macroeconomics and Health Working Paper Series WG 5 Paper 2.
- Jimenez, Emmanuel, and Marlaine E. Lockheed. 1989. "Enhancing Girls' Learning Through Single-Sex Education: Evidence and a Policy Conundrum." *Educational Evaluation and Policy Analysis* 11(2):117–42.
- Kabeer, Naila. 1999. "Resources, Agency, Achievements: Reflections on the Measurement of Women's Empowerment." *Development and Change* 30(3):435–64.
- Kagitcibasi, Cigdem, Diane Sunar, and Sevda Bekman. 2001. "Long-term Effects of Early Intervention: Turkish Low-Income Mothers and Children." *Applied Developmental Psychology* 22:333–61.
- Lam, David. 2006. "The Demography of Youth in Developing Countries and its Economic Implications." Background paper for the WDR 2007.
- Mangiaterra, Vivianna, and Gerold Vollmer. 2006. "Youth Consultations for the WDR 2007: Synthesis Report of Country and Grassroots Consultations." Background paper for the WDR 2007.
- National Research Council and Institute of Medicine. 2005. *Growing Up Global: The Changing Transitions to Adulthood in Developing Countries*. Panel on Transitions to Adulthood in Developing Countries. Cynthia B. Lloyd, ed. Committee on Population and Board on Children, Youth, and Families. Division of Behavioral and Social Sciences and Education. Washington, D.C.: The National Academies Press.
- Narayan, Deepa, and Patti Petesch. 2006. "Moving out of Poverty: Some Preliminary Results." World Bank, PRMPR. Washington, D.C. Processed.
- Parker, Susan. 2003. "Evaluación de Impacto de Oportunidades sobre la Inscripción Escolar: Primaria, Secundaria y Media Superior." Mexico, D.F.: Secretaria de Desarrollo Social, Documento de Investigación 6.
- Perlman, Janice E. 2005. "Policy Roundtable on the Policy Implications of Rio Favela Re-Study." Paper presented at the World Bank Policy Roundtable on the Policy Implications of Rio Favela Re-Study. June 9. Washington, D.C.
- Sen, Amartya. 1985. "Well-being, Agency and Freedom, The Dewey Lectures 1984." *Journal of Philosophy* 82(4):169–221.
- Singer, Peter Warren. 2005. *Children at War*. New York, NY: Pantheon Books.
- Stohl, Rachel. 2001. *Global Report on Child Soldiers Released*. Washington, D.C.: Center for Defense Information.
- UNESCO. 2004. *Global Monitoring Report 2005. Education for All: The Quality Imperative*. Paris: UNESCO.
- . 2005. *World Education Indicators 2005*. Paris: UNESCO, Institute for Statistics.
- United Nations. 2005. *World Population Prospects: The 2004 Revision (CD-ROM)*. New York: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division.
- Vietnam Ministry of Health and General Statistics Office, UNICEF, and WHO. 2005. *Survey Assessment of Vietnamese Youth*. Hanoi: Government of Vietnam.
- Walker, S. P., S. M. Grantham-Mcgregor, C. A. Powell, and S. M. Chang. 2005. "Effects of Early Childhood Psychosocial Stimulation and Nutritional Supplementation on Cognition and Education in Growth-stunted Jamaican Children: Prospective Cohort Study." *Lancet* 366(9499):1804–7.
- World Bank. 1990. *World Development Report 1990: Poverty*. New York: Oxford University Press.
- . 1993. *World Bank Policy Research Report 1993. The East Asian Miracle: Economic Growth and Public Policy*. New York: Oxford University Press.
- . 2001. *World Development Report 2000/01: Attacking Poverty*. New York: Oxford University Press.
- . 2003. *World Development Report 2004: Making Services Work for Poor People*. New York: Oxford University Press.
- . 2004a. *Addressing HIV/AIDS in East Asia and the Pacific*. Washington, D.C.: World Bank.
- . 2004b. *World Development Report 2005: A Better Investment Climate for Everyone*. New York: Oxford University Press.
- . 2005a. *Economic Growth in the 1990s: Learning from a Decade of Reform*. Washington, D.C.: World Bank.
- . 2005b. *Global Monitoring Report*. Washington, D.C.: World Bank.
- . 2005c. *Republic of Uruguay. Policy Notes. Report No. 31338-UY*. Washington, D.C.: World Bank.
- . 2005d. *World Development Report 2006: Equity and Development*. New York: Oxford University Press.